

A VIOLETA.

PERIODICO RELIGIOSO, LITTERARIOE, RECREATIVO,
DEDICADO A' JUVENTUDE ESTUDIOSA.

—Publica-se aos domingos, e subscreve-se nesta Typ. a 500 rs. por 10 ns., pagos adiantados. Folhas avulsas a 100 réis.

A litteratura eleva o homem ao throno de Deos, porisso que o litterato é quasi sempre o homem religioso. (DA REDAÇÃO.)

PROSPECTO.

ENTRE as grandes flores que com o vivo e variado de suas cores parece disputarem a gloria de maior brilho e esmalte dar aos jardins de Flora; que parece disputarem as meigas vistas e preferencia de encantadoras nymphas, creou aquella Deosa huma, pelo pequeno e delicado de sua figura, pelo modesto de sua côr, o symbolo dos olhinhos de Amor, quando surrí. Humilde, rasteira e tão pequena he a planta que a produz, como a sua mesma flor: esta roxa e as mais das vezes, como que por modestia, velada pelas proprias folhas debaixo de que nasce, qual professa donzella casta e pudibunda em meio de damas de grande luxo ostentadoras, cobertas de ricas galas e preciosos atavios, e em tudo livres; tal se mostra entre as outras flores a *violeta*.

He porisso que seus jovens redactores, em huma epocha em que brilhão já tantas pennas periodicas, se persuadem não acharião outro nome tão modesto que mais se adaptasse á pequena folha em que apenas desejão submitter ao juizo do Publico esclarecido seus primeiros ensaios litterarios, e pedir-lhe sua correção. Sim, amaveis Leitores, debaixo do nome de VIOLETA vai sair á luz hum pequeno Periodico, destinado a publicar os primeiros vôos de engenho de huma mocidade, que longe de querer ostentar crudição, deseja apenas instru-

ir-se para o que julga assaz conducente o habito de escrever para o publico, momentaneamente para hum publico illustrado qual o da Belem Brasileira no seculo desenove.

Occupá-se este Periodico, da Religião e da Litteratura em geral, sem excluir de si tudo quanto for honestamente recreativo. Regeita a Politica, e quando aconteça tratar della, o fará da Politica em geral, prescindido de particulares fórmulas de Governo. Pede-vos por tanto, esta flor-zinha que ainda começa a desabrochar, que lhe deis grato acolhimento em vossos seios e presteis á sua crescente arvore a regadia necessaria para sua vegetação, soccorrendo-a com vossas assignaturas e brilhantes produções de vossas pennas, em recompensa de que sereis a todos os Domingos mimozeados com huma destas mimosas e ternas flor-zinhas.

* * * * *

LITTERATURA.

O POETA TRAHIDO.

— I —

Corria o anno de 18 e . . . era uma noite de Setembro . . .

A lua ingastada no nosso anilado ceo, brilhava sempre bella com o seu cortejo de estrellas. Já mui adiantada ia a noute . . . o silencio sepulchral, que reinava então, só era interrompido pelos zombidos dos insectos, e pelo piar de algum moxo.

VIOLETA.

Na estrada de Nazareth passeava com inquietação em frente de uma rocinha, um joven militar, cuja phisionomia mostrava, que sua alma soffria, e bastante!

D'um dos campanarios da Cidade, ouvio-se o bronze, que fazia soar meia noite!

O mancebo sentindo a brisa que lhe traz o som desse longiquo bronze, taó lugubre como o silencio dessa noite, estremece, e diz:

Ah! chegou enfim o suspirado e terrivel momento; vou vel-a, vou diser-lhe um saudoso. . . . e talvez derradeiro adeos.

Vem minha Maria, quero estreitar-te em meus braços, para que sintas o estado do meu coração . . .

Vou dar-lhe o signal, talvez que não ouvisse a hora fatal . . .

E tomando um violaõ, que tinha encostado a uma das arvores, que existiaõ defronte da pequena rocinha, começou a dedilha-lo e em muzica taó bella, e tocante como essa da — NORMA — do immortal *Bellini* cantou os seguintes versos.

*Minha Armia anjo celeste,
Modello de perfeição,
Recebe meu coração
Inlutado pela dor,
Pois em breve já te deixa,
Teu amante, teu cantor.*

*Meu anginho de innocencia,
Estrella do meu futuro,
Pede a Deos, que o fado duro,
Mude em breve o seu rigor
E que cedo aqui te traga,
Teu amante, teu cantor;*

*Mas se o ceo impiedoso
Teus votos não attender,
Se ausente de ti morrer,
O teu pobre trovador,
Lamenta o bardo infeliz
Minha Armia, meu Amor.*

As ultimas notas quasi não se ouvirão por que os soluços impediaõ a voz do mancebo

Neste instante ouvio-se um pequeno rui-

do como de chave que se volve para abrir uma porta . . . Com effeito dahi a um segundo, a porta da rocinha he cautelosamente aberta, e della sae Maria.

Dirieis antes que era o anjo da meditação, que vinha nessa bella noite cumprir o seu fadario; por que um rosto de 15 annos, collo alabastrino, onde brincavaõ negras madeixas, um corpinho de fada, cintura negligentemente apertada por fitas nascidas do proprio vestido, e alem disto uma tristeza, e um olhar de quem soffria uma dessas grandes penas que fazem mirrar o coração; tudo inclinava a crer nesse ente, um anjo e não uma mulher.

Maria e Ernesto tanto, que se avistarão correrão um para o outro. Aquella se lançou nos braços deste — Nem uma só palavra, tudo era pranto! . . .

É para que palavras?! Não sentião elles o palpitar de seus corações? Não lião elles esse Poema mudo; porem expressivo; e tão expressivo como os Ciúmes do Poeta da — Noite do Castello? . . .

Passado algum tempo, Maria foi a primeira que tomou a palavra disendo:

“Meu Ernesto, e tens bastante animo para me deixares?! Serás capaz de abandonar a terna companheira de tua infancia?!”

—Ah! Maria não me acabes de dilacerar o coração: não me falles assim que sou capaz de arripiar carreira! Tu sabes que sou bem pobre, e que teus pais exigem para sua filha um marido rico, e que tenha um nome! Pois bem, hoje sou soldado; foi-me preciso trocar a lyra pela espada, e agora já me he forçoso partir: eu me baterei sempre com denodado ardor; teu retrato, que trago sempre juncto do coração, será o talismã, que me livre dos golpes inimigos; e tú Maria serás a meta onde sempre terei empregadas as minhas vistas.

Se um dia voltar, trazendo-te senão fortuna; porem ao menos um nome; o unico premio que quero de Deus e de ti Maria, he a tua mão, e se lá acabar a existen-

cia....

" Eu tambem acabarei a minha Ernesto,
" por que meu coração jamais pertencerá
" a outro.

—Sim meu amor; da-me outro abraço e
jura que serás constante.

" Eu o juro pelo que mais respeito, por
" ti mesmo, que um momento não te es-
" quecerei.

—Bem; adeos Maria, daqui a uma hora
estou de viagem.

Maria de novo abraça seu amante, e em
soluções volta para a rocinha onde entra, de-
pois de voltar ainda uma vez a cabeça para
ver Ernesto; este agita seu lenço, e balbu-
ciando a palavra Maria, vae-se retirando
com passos vacilantes. (Continúa.)

POEZIA.



O CANTO SÉPULCHRAL.

Ao Sr. Francisco de Paula Bello.

E' noute, e o astro da saudade
Rompendo o denso veo, que lhe escurece
A luz tibia de escassa claridade,
Por tal forma se mostra, que intristece
Esse ermo consagrado á Solidade,
Onde os tumulos se confundem, e onde fenece
A soberba, e a vaidade deste mundo,
Na ligeira tranzição do moribundo.

E entre os tumulos soberbos, q' alvejavam
Por entre altos cyprestes verde-esguios,
Que qual dedo de propheta, nos mostraram
Esses cofres do—nada—, mudos, e frios,
E orgulhosos sobre as campas se elevavam,
Quaes fantasmas medonhos, e sombrios,
Que as leis postergando da igualdade
Transportam a soberba á eternidade!

Vê-se um vulto de mulher intristecida
Trajando negro dó, soltas as tranças,
Reclinada a uma campa, submergida
Em mar triste de saudades, sem bonanças!
Dirieis, que do peito a curta vida
Lhe fugio procellosa, e sem esperanças!
E vivia! . . . Mas a vida da agonia,
Que o terno coração lhe opprimia!

Ergueu-se d'improviso, e pressurosa
Da lyra de marfim, que tinha ao lado
Harmonia celeste, e vaporosa
Fez ouvir pelo monte, e pelo prado,
E com voz sepulchral, e lacrimosa
Na lyra descantou seu triste fado,
Sua vida d'amargor, de dor sem fim,
E seu canto sepulchral disia assim.

" Linda, e mimosa flor
" Que junto de mim criei,
" Perdeste o brilho, e odor
" Em que venturas libei!
" Morreste flor mimosa
" Mais, linda, que a branca rosa,
" Candida, pura, e viçosa
" Flor que tanto amei!
" Eras do ceu, não podias
" Ser habitante da terra!
" Entre sacras harmonias
" Lá no ceu, tua alma erra!
" Lá no ceu, que parca impia
" Lançou-te na campa fria,
" Entre a dor, entre a agonia,
" Que o misterio da morte encerra!
" E eu curvando a fronte
" A' minha dor sem igual,
" Divagando pelo monte
" Quiz esquecer o meu mal
" Mas debalde, que no mundo
" Não há remedio fecundo
" Que minore o mal profundo
" Da saudade maternal!
" Não mofeis da minha dor
" Negros phantasmas da noute!
" A mofar do meu amor
" E' santo, ninguem se afoute!

" Que o sublime amor de mãe,
 " Se o comprehendesse alguém,
 " Tremia a morte, que vem
 " Feri-lo com o seu açoute!

" Tremia, sim, que é grande
 " O amor, que tem no peito,
 " E aos ais ternos, que expande
 " Teria piedoso aspecto!
 " Que do ceu é maravilha
 " O pálido rosto, que brilha,
 " Com a saudade da filha,
 " Em terno pranto desfeito!

" Palidos Anjos da morte,
 " Não estranheis se chorei!
 " Perdoai se em meu transporte
 " O vosso silencio quebrei!
 " Mas eu sou mãe, e o pranto,
 " Que verti é doce encanto,
 " E' tributo, puro, e santo,
 " Que consagro a quem amei!

" A sua campa é singella,
 " Não tem ricas inscrições!
 " As flores d'uma capella
 " São todos os seus braços!
 " Os seus braços innocentes,
 " Que puros alvi-nitentes,
 " Não manchaõ as cores fulgentes
 " No lupanar das paixões!

Nisto a voz lhe faltou, callou a lyra,
 E de manso se ergueu, acutelada
 Da campa se afasta, e nem respira
 Para que a filha não seja despertada!
 Ai da pobre infeliz, que já delira,
 N'um accesso de loucura consummada,
 E errante pelos montes, e pelos vales
 Expansão dá á dor, e a seus males!

PARA'—1852.

Mendes Cavalheiro.

DECIMA.

MOTE.

Quanto padece quem ama.

GLOZA.

De teus ferros libertado
 Huma vez, cruento Amor,
 Contra mim o teu rigor
 Não será mais atentado.
 Não tendo experimentado
 Os estragos da tua chamma,
 Por Alcina terna flamma
 Dentro em meu peito nutri;
 Já porem della aprendi
Quanto padece quem ama.

O. P.

CHARADA.

De fazê-lo nunca deixa	}	2
O amante á sua amada		
(Se he propicia a occasião,) Quando vai-se, ou á chegada.		

Quanto mais linda produz,	}	1
Mais he a planta estimada.		

CONCEITO.

Avesinha
 A tua sorte
 Quem nos dera
 Té a morte.

O. P.

EDICTOR,

ANTONIO DA CUNHA MENDES.

A VIOLETA.

PERIODICO RELIGIOSO, LITTERARIO, E RECREATIVO,
DEDICADO A' JUVENTUDE ESTUDIOSA.

—Publica-se aos domingos, e subscreve-se nesta Typ. a 500 rs. por 10 ns., pagos adiantados. Falhas avulsas a 100 réis.

A litteratura eleva o homem ao throno de Deos, porisso que o litterato é quasi sempre o homem religioso. (DA REDAÇÃO.)

LITTERATURA.

O FUTURO.

Tempus non erit amplius.

(Apo. 10. v. 6.)

O tempo hade findar! . . . Oh que rica fonte de meditações para uma alma, que pensa! E não estou eu observando o declinante dia, e os derradeiros raios do Sol occultando-se nas nuvens?! Pois do mesmo modo declinaõ os dias da vida, as horas do trabalho, e as occasiões de graça.

Ah! Possa eu acabar a minha obra antes, que se desvança a luz! Possa eu aproveitar as resplandecentes horas de graça antes, que as sombras da noite me alcancem, e acabado seja o tempo de trabalho!

Vejo o Sol, a Lua, e as estrellas, correrem o seu giro, e todos me annunciaõ, que meus dias se diminuem, e se prepara o fim dos meus momentos: e estarei eu disposto para despedir-me destas lúcidas, mas apparentes glorias?!

Oh que estas são apenas a medida do meu tempo, que apressadamente me levaõ a Eternidade!

Quando vejo espirar um amigo, um visinho, e seu cadaver ser condusido á sepultura, internamente digo: seus dias estão contados, terminados todos os seus momentos: acabou para sempre o tempo de sua existência para

sua eterna habitaçõ, a condiçõ, de sua alma está fixada immutavelmente!

Quando vou ao Cemiterio pagar o ultimo tributo de respeito ás reliquias d'um conhecido, que numerosos não são os monumentos de morte que me cercaõ?! E que são as campas sepulcraes, senão memória dos sortunos habitantes d'aquella silenciosa cidade, para nos informar do periodo de todas as suas vidas, e para nos designar o quando a cada qual foi dito:—Para ti mais tempo não haverá—*tempus non erit amplius.*

Ai! Possa eu aprender depressa esta importante liçaõ, pois o meu termo se está rapidamente aproximando! Uma sepultura me esconderá da luz do sol, da vista dos homens, até desaparecerem os Ceos.

Talvez que entaõ algum amigo, que me sobreviver, grave em uma lousa o meu nome, e o numero de meus dias, como novo monumento da fragilidade da natureza, e do fim do tempo.

Possivel é que alguém venha de vez em quando vizitar o lugar do meu repouso, e q' alguma alma terna humedeça a minha fria memoria com huma lagrima; talvez que me busque algum dos meus antigos conhecidos para apprender de minha campa silenciosa os invariaveis preceitos da mortalidade; e talvez em fim que mostre apontando com o dedo ao seu companheiro de jornada o dia, mez, e anno do meu falecimento.

Oh dia temivel e solemne, dirá entaõ em que se acabará meu tempo neste mundo e

em que terminaraõ todos os meus trabalhos! Quem sabe se já agora me naõ acompanhas neste lugar de espectros! Quem sabe se sahrei daqui! Quem me segurará se para mim já foi dito o — *tempus nom erit amplius?*! . . .

P J. A.

O POETA TRAHIDO.

—II—

Dahi a duas horas, um vaso de guerra, se fazia a vela para os portos do Rio de Janeiro e entre outros militares condusia a seu bordo Ernesto.

Mal tinha elle chegado a terra de Santa Cruz, teve ordem de seguir para os campos do Sul, para esses campos banhados do sangue de centenaes de brasileiros! Para esse abutre insaciavel, de cujas garras poucos sahiaõ com vida! Ahi Ernesto foi um verdadeiro soldado: era sempre dos primeiros a marchar para os combates, e no lugar em que a luta se apresentava mais renhida, onde

“As lanças faiscavaõ retinindo”

ahi estava Ernesto.

Ninguem diria, que esse Ernesto taõ apaixonado, taõ propenso ao amor, era aquelle mesmo taõ terrivel aos rebeldes inimigos; mas toda essa bravura, todo esse enthusiasmo, eraõ filhos do proprio amor; por que para elle tudo já se encerrava em uma só pessoa: Patria, Familia, enfim tudo se encerrava em Maria!

Elle deffendia he verdade com denodo os direitos de sua Patria; mas he por que esperava della um premio, uma posição para offerece-la a Maria.

Ernesto amava com amor de poeta; amava como só se ama uma vez na vida!

Amava como amaõ os brasileiros do norte, com amor taõ forte, e ardente como o sol do seu paiz!

Nada lhe fazia esquecer a sua amante, ao contrario, em tudo achava remeniscencias.

Quando depois de um sanguinolento combate, os outros procuravaõ descansar, Ernes-

to sahia de sua barraca para conversar com as estrellas, e lembrar-se de Maria!

Algumas vezes quando todo acampamento estava entregue ao somno, ouvia-se um canto saudoso, acompanhado por um instrumento de corda, que as mais das vezes lá se hia confundir com os gritos das sentinellas, e com o gemer dos feridos!

Quem teria vontade de cantar nesse tempo?! Quem poderia cantar no meio de tantos perigos e trabalhos?!

Todavia Ernesto de tudo se esquecia, para lembrar-se somente de Maria! E quando o somno já de todo se apossava delle, entaõ recolhia-se a sua barraca, onde tendo por leito a relva, e por travesseiro, a sella do proprio cavallo, dormia o somno do amante apaixonado . . .

Já saõ passados annos que Ernesto deixou a Cidade de Bellem.

Nessa mesma rocinha onde outr'ora, elle recebeu os sagrados juramentos de Maria, estaõ um homem e uma mulher conversando em una das janellas.

A escuridão da noite não lhes permitto verem que saõ escutados, por um vulto embuçado em negro manto: já ahi os escutava a tempo, seu corpo tremia todo, os olhos estavaõ chamejantes . . . Dirieis que era o anjo da vingança!

O homem que ahi conversava, tendo apertadas nas suas as mãos dessa mulher, diz com voz apaixonada:

Ah! meu amor quem agora se poderá oppor a nossa felicidade?!

Quem impedirá que agora sejamos um do outro?!

Eu . . . Infame!! . . . diz o vulto batendo no hombro do trahidor: este depois de passado o primeiro choque, pergunta:

E quem he o Snr?

Sou um homem, que arrostrou todos os perigos para obter a mão de uma mulher!

Sou um homem aquem os trabalhos encaneceraõ os cabellos na primavera da vida!

Sou enfim a alma de Ernesto, que yem

pedir contas a Maria da sua inconstancia!

Ernesto! (diz Maria cheia de terror)

Para vós ja não ha Ernesto Sur.?"

Sñr. haveis de me dar uma satisfação (diz o traidor)

Sim vem infame, que te quero atravessar o coração . . . ; mas não, esta estada tincta no sangue de tantos bravos não se hade manchar agora no sangue de um covarde, de um sedutor, de um infame!

Infame Sñr! Covarde!

Sim infame! Traidor!

E tu Maria pensas-te, que o frio gelasse o coração do soldado! Pensastes que os trabalhos me fariaõ esquecer teus juramentos! Enganaste-te; cada vez te amei mais; porrem he porque pensava que o coração da mulher era um sacrario! Enganei-me! !

Trahiste-me agora vive com teu cumplice, e se o remorso te permittir, esquecer-te de Ernesto.

Ernesto!

Adeus Sñr. " sede feliz.

Dahi a um anno, em uma das nossas Igrejas dobravaõ os sinos, os sacerdotes psalmeavaõ o officio dos mortos! ! Era o anniversario da morte de Ernesto que havia arrebetado o cranco com um tiro de pistola.

Poucos meses depois disto, o Convento d'Ajuda do Rio de Janeiro se achava apinhada de povo, os sinos dobravaõ, os padres revestidos das insignias sacerdotaes acompanhavaõ os gemidos do orgaõ santo, uma donzella professava!

Seu rosto estava livido, já não tinha tranças, seu corpo estava amortalhado em pesado burel! ! Era Maria!

FIM.

M. Lobato de Castro.



POEZIA.

O TRAHIDO.

Secai-vos, minhas lagrimas, secai-vos,
Que prantos de homem, não os vale nunca
No mundo uma mulher . . q'os paga em risos!
(J. DE LEMOS.)

Como ninguem, eu amei
Uma formosa-Donzella!
Mas, amor que lhe votei
Era mais puro que o d'ella.

Era amor illimitado
Nascido do coração;
Apenas desabrochado
Da vida no embriaõ!

Era inda a vez primeira
Que amor me tinha captivo!
Pois que, na vida inteira
Fui-lhe sempre fugitivo . . .

E, amei-a . . . como amar
No mundo ninguem amou!
Um dia . . . quiz-lhe fallar
Ingrata . . . não m'escutou! . . .

Fagueirro (lhe perguntei:)
" Pr'a que ingrata juraste:-
—Somentemente tua serei,
Quando uma vez m'abraçaste—?

Se me havias desprezar
Depois d'assim ter-te amado:
P'ra que havias-me dar
Juramento tão sagrado?

Julgastes qu'eu olvidasse
Como tu, meu juramento?
Julgastes qu'eu confiasse
A outrem meu sentimento?

Responde . . . causa-te espanto
A voz do triste illudido? . . .
Suspiras . . . nadas em pranto
Depois de haveres mentido ? ! . . .

Julgas acazo ingrata!
Inda outra vez illudir-me?
Ou e' o pranto que desata
Dos olhos teus, compungir-me? . . .

Céga! que não previstes
Os effeitos da traição!
Porem, agora que os vistes
Supplicas-me compaixão?

Soffrerás; que o peito meu
Já mais te pode acolher!
Amor firme, qual o seu
Nunca mais has-de obter.

Hasde viver consumida
Ralada pelo ciume!
Passar a vida opprimida,
Da desgraça ver o cume!

Tuas viz ingratidões
Com desprezo hei-de punil-as!
Tuas queixas, e paixões
Heide sempre indefiril-as.

Embora tu me protestes
Que não mais me trahirás,
Lembrado do que fizestes . . .
Meu perdaõ não o terás.

Quero verte consumida
Ralada pela saudade,
Para que sintas infida-
Os effeitos da-amisade! . . .

PARA'—1853.

J. C. B.

SONETO.

Rosina bella, donzel'formosa
Anjo que habitas o Paraíso,
Ao ver-te, deliro, perco o sizo,
Admirando tua belleza portentosa.

Quando tua face morena e mimosa
Só a furto e cheio de amor deviso,
Quando soltas dos labios meigo sorriso,
E da garganta desprendes vos maviosa,

Fico louco d'amor; e em transporte
A razão desvairada e embravecida
Brada por não lograr-te, contra a sorte.

Oh luta cruel! insana lida!
Viver sem te gosar, é cruel morte;
Em teus braços morrer é doce vida.

J. A. M.



SONETO.

*Offerecido ao meu amigo o Sr. Antonio
Pedro Arruda por occasião de morrer
um seo afilhado no dia 20 do corrente,
de toce convulsa ao qual tinha extrema
amizade.*

*De balde nos cansaremos
D'acerbas dores pungir
A nossa ventura existe
Em deixar-mos d'existir.*

(ALBUM DE J. C. DE BRITO.)

Qual purpurino botão de fresca roza
Que não chega a abrir-se, a embalsamar-nos;
Assim breve fostes em deixar-nos
Outra vida buscando mais ditosa!

Eras ainda qual a flor viçosa
Que no Jardim começa a encontrar-nos
Ou qual—astro d'esp'rança—que ao raiar-nos
A sorte nós promete venturosa!

Mas eis o — *Flagello* — dominante
O teu viço cortou, e intristecido
Deixas a teu—Padrinho—, e dilirante! . . .

Porem, vendo que ao Céu tinhas subido
Seu lamento suspende, e n'um instante,
Troca em hymnos o lugubre gemido!

A. C. M.

EDICTOR,

ANTONIO DA CUNHA MENDES.

A VIOLETA.

PERIODICO RELIGIOSO, LITTERARIO, E RECREATIVO,
DEDICADO A' JUVENTUDE ESTUDIOSA.

—Publica-se aos domingos, e subscreve-se nesta Typ. a 500 rs. por 10 ns., pagos adiantados. Folhas avulsas a 100 réis.

A litteratura eleva o homem ao throno de Deos, porisso que o litterato é quasi sempre o homem religioso. (DA REDAÇÃO.)

LITTERATURA.

BURAJUBA

ou

A FESTA DE NATAL.

I.

A vespera de Natal.

Pavoroso silencio reinava na terra . . . toda a natureza immersa em negro espesso manto dormia profundamente . . . eu, só eu velava á escassa luz d'um candieiro tendo ante mim um livro santo . . .

Embriagado com a leitura, não ouvia o triste chiar do grillo madrugador, que me avisava estar bastante adiantada a noite, e me convidava a repousar, quando tudo descanso já gozava . . .

Então como que despertado d'um lethargo deixo o livro, e encaminho os passos para o leito desejando encontrar propicio o magico morfeo . . . eis-me já em molles fios ha mais de meia hora . . . duas acabou do soar na Cathedral, e nada de dormir.

Despresado pelo somno volvo para todas as partes os olhos, e apenas por uma fenda do velho telhado se me apresenta a argentea lua que no anilado Ceo se torna

mais brilhante entre o cortejo das miúdas estrellas, que fazem seu adorno; então começo a admirar as grandes maravilhas do Creador, e a bemdizel'-O.

Submergido neste *mare magnum* de contemplações adormeço, e . . . dormo profundamente, até as quatro horas, que acordei: de novo desafio o somno, e graças ao bom tempo que fazia, dahi á alguns minutos eu fruía deliciosos, melli-fuos momentos: minh'alma inundada de prazer parecia tocar o cume da ventura . . . Eu sonhava! . . . Mas oh agradavel, bello sonho, quanto distavas da realidade!! Era então, o que desejo anciosamente ser!! Porem qual mimosa flor que ao raiar da aurora é colhida pelas grosseiras maos do jardineiro, e involuntariamente cahida da cestinha, e desfolhada aos pés do viajor, ou qual fugitiva sombra que em um momento se evapora, a minha felicidade filha só da incansavel fantazia, bem depressa se esvaeceo, quando mais a desejava gozar, deixando-me enfim nas calosas mãos da acerba saudade!!! Mais esta vez eu conheci a certeza do proverbio *La alegria do pobre pouco dura.*

Sim o antigo relógio conventual Mafrense já tinha descarregado pela quinta vez seu pezado malho contra o bronze al-

tissonante da Sé, que seguindo seu exemplo deixara ouvir mais longe por tres compassados berros sua voz terrivel presagadora da proxima vindoura aurora que convidava o trabalhador religioso a erguer-se da cama, louvar ao Ente Supremo, render-lhe infinitas graças pela sua conservação, e procurar o seu serviço: é então que acordo sobressaltado, (sem saber mais do sonho) com o rouco soar da velha porta batião fortemente. . . Ergo-me pergunto quem bate, que me quer? em seguimento da resposta, sua criada, abro a porta, e devizo logo quatro pessoas aparentadas na casa, que habitando em seu sitio construido em uma das ilhas, que fica fronteira á formosa Cidade de Belem, o deixara para vir vizitar a minha familia e em sua companhia hir assistir na Cathedral a Missa do Gallo, pois que se contava o dia vinte quatro de Dezembro, ou a vespera de Natal.

(Continuar-se-ha.)

Queixumes da despedida dedicada ao meu amigo e Collega M. L. de Castro, por occasião de sua partida para o Rio de Janeiro onde tem de hir consumir o Curso Medico.

Não pôde o tempo estragador
Minha saudade matar, e minha dor
(Do AUTOR.)

Partes, presado Marcello, e não te compadeces do teu amigo; do teu collega de Grammatica?! A tanto chega teu valor?! Não te causa alguma commoção a linguagem muda que seus lacrimosos olhos, te fallão?! Dize, serás tão duro; terás um coração de pedra, ou bronze; ou alguma fera te emprestaria o

seu, para que te despessas do teu amigo sem verter uma só lagrima! Tuas palavras como as delle não serão intercortadas por pungentes suspiros?! Serás indifferente a sua dor?! Serás insensivel ao seu penar?!

Ah! Não! Não, meu amado Marcello, tu tens uma alma nobre, teu brando coração palpita, e nutre os mesmos sentimentos como o meu!! Tu vas, sim, e me deixas, mas forçoso é que partas e eu fique! Tu vas adquirir um nome que te honre, um nome digno de ti! Vai pois, o dever é preferivel á amizade! Vai e quando daqui a tres annos voltares, qual triunfante general, cheio de gloria, acharás o teu amigo dedicado, que só te deseja felicidades; e prazá aos Ceos nesse dia te possa dar um abraço que bem demonstre quanto te ama!!!..

Tu fragil Barca invenção da avareza, e audacia do homem eu te recommendo o meu Collega, leva-o seguro ao porto desejado, e um dia o restitue aos meus braços que abertos o ficão esperando.

Finalmente tu intumecido Oceano respeita o Vapor que o conduz, e não sirvas, qual fabuloso Lethes para o fazeres esquecer daquelle que te faz esta rogativa como seu amigo e collega. J. J. d' A.

— UM AGRADECIMENTO. —

Dedicado ao meu particular amigo o Sr. A. C. M.

*Esquece-se a mortalidade,
Onde se encontra a amizade.*

(Do Author.)

Certamente, caro amigo, vós mais feliz do que eu, no numero antecedente da VIOLETA vos dignastes offerecer-me um soneto que não desmente a idéia que do seu author sempre

fiz, alli se encontra o util misturado com o agradável expressado com palavras cordiaes: na epigrafe que tomastes por thema brilha a verdade pura do evangelho, e faz recordar o *pulvis es do Genesis*.

Como porem não compete a minha insufficiencia e mesquinhez examinar a vossa obra, e só sim agradecer-vos mais essa prova d'amizade que me dá honra, eu vos rogo muito e muito o acceiteis.

Eu bem quisera ter inspirado éstro para vol'o retribuir na mesma especie, mas meu caro amigo eu não tenho muza, e a minha lyra está quebrada, motivo porque exáro neste tosco papel estas expressões rudes porem nascidas de coração sincero, grato, e mais que tudo, amigo. He verdade que morreo inda no berço esse, de cuja fé eu era o fiador, e em quem sua triste conternada mãi via o seu brilhante porvir: mas meu caro, Deos o quiz, D'elle era, eu me resigno á Sua Santissima Vontade a pezar que sempre meus olhos verteráõ o resultado de um amor adquirido, tão santamente. Elle é feliz, porque só o é o homem, que cessa de existir.

Recbeei pois meu agradecimento pela parte que tomastes no padecer do vosso amigo; e oxalá queirais no mesmo periodico em que me obséquiasstes inserir as toscas produções da mal aparada penna do vosso sempre.

A. P. Arruda.

POEZIA.

MOTE.

Fui ás sepulturas ver
Os cadaveres dos humanos:
Não se distinguem os ossos,
Dos que forão soberanos.

GLOZA.

1.

No silencio o mais profundo
De certa noite eu pensando
No fim, que ião levando,

Os que vivem n'este mundo:
Perco a rasão, me confundo,
Contemplando o mortal ser:
E desejando saber
Segredos da Omnipotencia,
Sua ineffavel sciencia
Fui ás sepulturas ver.

2.

Desço no azilo sagrado,
E as campas revolvendo,
De tudo, quanto ia vendo,
Ficava quedo, e pasmado.
Vendo-me então assaltado
Dos mais crueis desenganos:
P'ra que viver longos annos
(Exclamei) para que viver
Se fim tão triste hão de ter
Os cadaveres dos humanos?!!

3.

Miasmas, que a podridão
Do seio da terra exhala,
He só o que alli falla,
Se fallasse a corrupção.
Que medonha confusão
Impera n'aquelles fossos!
Nem dos que senhores nossos
Se entitulão, nem dos nobres,
Nem dos ricos, nem dos pobres
Não se distinguem os ossos.

4.

Aquelles que desiguaes
Fez o sangue, ou a riqueza,
Santas leis da natureza
Vi que alli tornão iguaes.
N'esses tumulos fataes
Só vi que vermes insanos
Devoravão tão ufanos
Dos mortaes a carne fria,
Que nem restos distinguia,
Dos que forão soberanos.



O abaixo assignado, tem a honra de offerecer
a seus muito charos collégas os Srs. M.
L. de Castro, e J. J. d'Ábreu.

MOTE.

Se o meu Amor vive auzente.

Gloza.

Eu só quizera estar vivo
Nos doces braços d'amor,
Para soffrer com rigor
Seu poder tam vingativo:
Todo e qualquer linitivo
De mim fuja de repente,
Pois que eu ja descontente
De tanto amor me offender
Não quero ja mais viver
Se o meu Amor vive auzente.

J. F. P. D.

— UM MOMENTO DE CIUME. —

POEZIA.

*Dedicada ao meu particular amigo o Snr.
Manoel Emilio d'Oliveira Pantoja.*

Donzella o ouro fascinou-te; conhecerás o
teu erro mais tarde; porem então só terás
para consolar-te a lembrança de teus primei-
ros dias; mas esta ainda te será penosa por
que sendo despertada pelos echos dos meus
gemidos. transformar-se-ha em remorsos,
que te hão de dilacerar a alma!

(Do Autor.)

No verdor de teus annos amei-te,
Pequenina tu eras então,
Innocente, formosa, e tão bella
Como he bello da rosa o botão.

Mas creceste e comtigo cresceo,
Das riquezas a vil ambição,
E esquecendo tuas juras tão santas,
Só me déste rigor e traição!

Mas permitta esse Deus que nos ouve
Testemunha do teu proceder,
Que feliz um só dia não sejas,
Que hymineo te não traga prazer.

Que esse dia por ti desejado,
Em que esperas delicias gozar,
Seja o dia da tua desdita,
Precursor de continuo chorar

Que esse ente por quem me abandonas
O amor te não saiba entender,
Que te vote ao mais negro desprezo,
Que de pena te faça morrer!

Cosme-Velho 22 de Março de 1852.

L. de C.

CONCELHOS AOS TOLOS.

Respeita e honra a todos indistinctamente:
communica com poucos, e não confies os te-
us segredos de ninguem. O teu amigo pode
ainda se tornar teu inimigo, e descobrir as
tuas mazélas.

Não creias mui facilmente em quem se
disser teu amigo. Assim engana-se muitas
vezes aos sabidos, quanto mais ao tolos.

Não tomes por verdadeiro aquelle agrado
excessivo que te mostrarem com o riso nos
labios, e desconfia sempre dos elogios, que
te fizerem. A traição, e lizonja trajão as
mesmas vestes.

Outros conselhos ainda tenho para darte
por enquanto toma lá estes, que tomei d'
experiencia; si porem os não tomare, será
tolo para sempre.

A charada do n. 1 quer dizer Beija-flor.

EDICTOR,

ANTONIO DA CUNHA MENDES.

A VIOLETA.

PERIODICO RELIGIOSO, LITTERARIO, E RECREATIVO,
DEDICADO A' JUVENTUDE ESTUDIOSA.

—Publica-se aos domingos, e subscreve-se nesta Typ. a 500 rs. por 10 ns., pagos adiantados. Folhas avulsas a 100 réis.

A litteratura eleva o homem ao throno de Deos, porisso que o litterato é quasi sempre o homem religioso. (DA REDAÇÃO.)

AINDA O FUTURO.

Aqui vivo neste desterro; reconheço que ha um Deos, para cuja prova basta olhar para mim mesmo, e para o tudo que me cerca, e não obstante eu não poder conceber como Elle em si he, vejo com tudo, que apesar disso, ainda me não abandonou, pois ainda me dá tempo para emendar o passado dizendo-me "Eu sou misericordioso, e prompto a perdoar.

A Igreja me falla mostrando o meu nada, *pulvis es*, o Ecclesiastico, ser proprio o tempo presente, ser este o dia de salvação; o Evangelho me ordena a vigilancia porque para mim é desconhecido o dia, e a hora em que devo ser chamado á contas, e o Apocalypse finalmente me instiga a aproveitar o tempo antes, que me seja pronunciado o terrivel—*tempus non erit amplius* oh que quanto me he presente, são outras tantas trombêtas annunciadoras do futuro!

Sim, se entro em um jardim, se me demoro, se vejo uma ponta de terra triangular, de que a sombra com vagorezo movimento se vai aproximando e encubriendo com seu escuro manto, ah! que susto se não apodera então de mim, a terra fugio toda de meus olhos, e eu esclamo depois de pequena reflexão, ai! da mesma sorte, com o mesmo vagar se movem os meus momentos de vida mortal, e com passo silencioso o meu termo chegará! Oh! e estarei eu preparado, ou em

estado de passar para a vida espiritual pela estreita porta da morte.

Se deixo o lugar onde com saptisfação tive tão terno pensamento, e entro na Cidade dos mortos, para melhor contemplar o meu nada, á cada palmo de terreno sahe um espectro, e me grita aos ouvidos *pulvis es et in pulverem reverteris*, e considerando nestas palavras vejo que tantos irmãos meus, como eu, viverão tambem neste desterro, e então arrebatado de um santo temor exclamo, ó alma minha lembra-te, que assim como amigos ou estranhos habitão aquelle lugar, tu tambem cumprirás um dia esta sentença decisiva, e immudavel, exultando com a repensa do tempo bem aproveitado, ou soffrendo o rigor das penas, unica paga do teu abuzo, nesse desconhecido mundo de felicidades ou misérias!

Ah! O tempo hade findar! Que saudavel admoestação! O tempo hade findar e o devido emprego da vida, eos solemnes deveres da Religião tem sido demorados emquanto que nós á pretexto de ainda haver bastante tempo nos temos subcarregados com cousas inuteis, e peccaminosas sem nos recordarmos deste trexo da Santa Escriptura *tempus non erit amplius*.

P. J. A.



LITTERATURA.

— BURAJUBA. —

ou

A FESTA DE NATAL.

(Continuação do n.º antecedente.)

Ja o Sol tem duas horas de giro, tudo na casa é reboliço, pois bem sabe o leitor que mulheres em vespera de festa, uma procura a agulha que não se lembra onde pregou, outra quer linha para sergir o vestido que está esgarçado, alli se bate goma, prepara anil, aqui se marca lenço, prega colchetes, lustra-se os sapatinhos de polimento, aquella quer o ferro para aproveitar a lingoa, que feita brasa ja ajuda afazer ferver a cafeteira que está ao fogo, esta . . . em uma palavra, tudo trabalha com passo de marcha dobrada, até eu sou obrigado a hir comprar garrafinhas de cheiro, lenços &c. &c. &c.

Este continuado trabalho durou até meio dia . . . depois de jantar quando na preguiçosa rede buscava gozar a bella sésta se aviva um convite que havia dous mezes me tinham feito, e á muitas instancias concordei, com a maternal licença, hir no dia seguinte para assistir uma festa dos escravos de uma fazenda: pelo que tenho de narrar ao diante, que será sem a menor exageração, o meu leitor conhecerá que desde a primeira oitava em que começa, até o dia de Reis, com pequena interrupção, em que se acaba, o expectador goza prazer sem mesmo se lembrar que os seus negocios dormem.

Tornando pois ás minhas visitas advirto, que sendo quatro horas da tarde afferraõ-se ao espelho, que só deixaõ depois de verem que o prateado facho nocturno ja derrama sobre a terra seus fulgurantes raios, e isto para se paramentarem . . . uma então não se recorda onde pôz as meias, outra o lenço, aquella a luva, esta o brinco &c. porem, graças á sua mesma confuzão, vaõ succes-

sivamente umas encontrando os objectos perdidos das outras, de sorte que ao primeiro dobrar do sino tudo está apetrechado para hir caminho da Cathedral . . .

Depois das duas horas da noite findou a Missa do Gallo, eil'-as de volta para casa n'uma gralhada terrivel, considere-se vinte cinco mulheres todas conversando em altas vozes, e ao mesmo tempo, e eis ahi o que tenho a dizer; umas gabão a melodia das vozes, outras o bello som harmonioso do orgão, aquellas as intrincadas ceremonias do côro, solio, e altar, estas significão, e querem infundir nas outras o prazer q' lhe causou a respeitavel presença do virtuozo Prelado, que com voz tremula dava maior realce ás festivas oraçoões que em nome da Igreja dirigia ao Ceo pelas suas ovelhas, em fim ellas quererião não se tivesse acabado a funcção tão depressa!

Chegão finalmente a porta de casa; mais de meia hora gastaõ em se despedirem umas das outras . . . quem tem de ficar, ja entrou, as outras forão-se: gradualmente se vai applaudando o seu fallar; cada qual procura dar repouzo aos laxos membros, esperando que raie a rubicunda aurora do dia vinte cinco, ou de Natal. *(Continua.)*

Facilius est enim camelum per foramen acus trahere, quam divitem in regnum Dei, introire Escript.

A avareza é o desejo demasiado de ter. Couza que nos levaria a crêr que o homem, chegado a certo gráo de riqueza e saciado do superfluo, nenhuma repugnancia teria em dar o que até é inutil á superabundancia do luxo; é um engano. O homem avarento e ambicioso nunca dá nada de boa vontade. Quando não sabe já o que hade fazer ao seo ouro, compra a terra que o produz. Destituído muitas vezes de posteridade, ou reduzida sua familia a parentes, que o detestão, ainda assim continua a comprar bens, e se a terra vem a faltar ao seo ardor de possuí-la, vai aferrolhar em

cofres profundos (onde a traça consome) esse ouro duplicadamente inutil, entregando-se algumas vezes ao prazer de contempla-lo, de conta-lo, e de saber com exactidão quantas moedas augmentarão a sua felicidade! Que gosto ha nisto? Respondaõ os ambiciozos, nós que o não somos, não o sabemos; ninguem conhece as paixões de que não foi victima. O pobre nenhuma idéa faz do estado do rico, que acha mais prazer em enterrar do que em dar. Fallem as paginas da Escripura Santa, avarentos, e vede o castigo que se vos aguarda! Meditai attentamente na parabola que Deos propôz a certo rico que trajava purpuras e linho fino, se banqueteara latamente e nenhuma compaixão tinha dos pobres famintos; e Lazaro lançado a sua porta, o corpo todo uma chaga, a quem regalariaõ as migalhas, que lhe cahiaõ da meza, nada favorecia, menos piedoso que os caens que lhe lambiaõ as feridas. Morreo o rico, e morreo Lazaro com hum diverso destino; que à Lazaro levarão os anjos ao seio de Abrahaõ, deposito das almas justas, e o rico foi sepultado no inferno, d'onde por maior pena via o pobre mendigo venturozo. Tal é o fim dos avarentos.

POEZIAS.



— IMPROVISO. —

M O T E.

Subi com aminha amada
Até onde ninguem vio;
As nuvens disserão: — basta,
Até qui ninguem subio! . .

Tentei um dia transpor
A' linda esphera azulada,

E, para não hir sosinho
Subi com aminha amada.

Quando em meio do caminho
A luz do Sol me fugio,
Fiquei em trevas, mas fui
Até onde ninguem vio!

Chego ás nuvens, e quero
Penetrar na esphera casta,
Porem, d'ahi não passei,
As nuvens disserão — basta:

- D'aquí alem não se vai
- Nunca tal se consentio;
- Voltai á terra, por que
- Até qui ninguem subio! . . . * C de B.

Se eu te amo donzella,
Não crimines meu amor;
Não detestes, quem te adora;
Não augmentes minha dor.

Vivo inquieto e afflicto . . .
Em ti tenho meu pensar,
O amor, que te consagro
Não posso mais occultar.

Amelia, virgem donosa
Recebe meu terno amor;
Só assim mitigarei
A minha pungente dor.

Que vida triste e cruel
Heide no mundo passar!
Se não quizeres Amelia
O meu amor aceitar.

Março-1853.

F. Carlos Rhossard.

D E C I M A.

Em triste desassocego
Passei dilatados dias,
Que hoje troco em alegrias,
A'vista do novo emprego.

Aos doces laços m'entrego,
Que a sorte me deparou;
De mim proprio já não sou;
Pois com gostosa vontade,
Sujeitando a liberdade,
Meu tormento se acabou.

J. A. M.

SONETO.

A' innocente Phylomena no dia do seu Baptismo, e dedicado a seu pai o Sr. Pedro Gomes do Amaral.

(Improviso.)

Como a rosa purpurina, que em Abril
Desabrocha leuça entre os odores,
Assim tu linda virgem, entre os amores
Viste a luz, e crescerás linda, e gentil.

E's qual Anjo, que adeja no Brasil,
De palmas coroado, e de flores,
Housanas entoando de louvores,
Ao que dinô se tornou de housanas mil.

So um dia vier, em que no peito,
A chama tu sentires de ardente amor,
A que todo o mortal vive sujeito.

Não te offusque meiga virgem o seu fulgor,
Que, entre risos, o verás, com bello aspecto
Os teus risos, os teus prazeres, casar á dor.

Dezembro-8-1851. Mendes Cavalleiro.

ACROSTICOS.

Amilia, tu és meu bem,

Neu coração ja te dei;

Igual ati em formozura

Túnda bella onde verci?

Igualas a propria Venus,

V quem já te comparei.

2 de Março de 1853. J. B. F. P.

Minha-saudade-adorada
Aqui ponho o nome teu;
Reflete; e vê que lembrada,
Linda é do peito meu
Quella hora sagrada!...

Belem 21-2-1853.

* C. de B.

CONCELHOS AOS TOLOS.

Toma sempre por fingidos os offerecimentos que te fizerem: Muitas cousas se offerecem por mera politica, e accetal'as é a mais rematada tolice.

Nunca compres fiado, embora té offereção, e quando comprares, paga com brevidade, embora te digão *não havia pressa*. Todos teem muita pressa em receber o seu dinheiro, e quem pensa o contrario arrisca-se a dobrados juro.

Cohibe-te das sociedades, e adjuntos. Nestas occasiões é que muitas vezes se experimentão as habilidades do homem tolo.

CHARADA.

Quando a moça assim faz,
No mundo quer representar; 2
Ninguem me achará distante,
Que bem perto heide eu estar. 1

CONCEITO.

Existe ha muito tempo;
Sempre na forma varia;
Mais pelo mesmo nome
Assim se chama hoje em dia.

EDICTOR,

ANTONIO DA CUNHA MENDES.

A VIOLETA.

PERIODICO RELIGIOSO, LITTERARIO, E RECREATIVO,
DEDICADO A' JUVENTUDE ESTUDIOSA.

—Publica-se aos domingos, e subscreve-se nesta Typ. a 500 rs. por 10 ns., pagos adiantados. Folhas avulsas a 100 réis.

A litteratura eleva o homem ao throno de Deos, porisso que o litterato é quasi sempre o homem religioso. (DA REDACÇÃO.)

ADVERTENCIA.

A VIOLETA só publica as producções de seus Redactores e Colaboradores.

A VIOLETA.

Ao Sr. Communicante do Treze de Maio
N.º 210 de 12 do corrente.

A bondade, e excessiva delicadesa com que vos dignastes acolher a nossa producçãozinha — *O Canto Sepulchral* —, sobre maneira nos — honra, e vos agradecemos as obsequiosas expressões, a nosso respeito, exaradas na vossa analyse.

Certos, porem, da nossa deficiencia litteraria, não podemos suppor, que a nossa Poezia esteja tão purgada de defeitos, que não soffra correcção; e por isso, ou fostes em extremo indulgente para conosco, ou não submettestes o nosso pensamento a rigorosa analyse, talvez para não desanimar-nos.

Não é vaidade, nem fôfa impostura, que faz aparecer nas columnas deste, ou d'aquelle periodico; este, ou aquelle pensamento nosso; e neste caso, o nosso appellido dando a conhecer o seu auctor, vai servir-lhe como de egide contra as pedradas dos tolos, prevenindo-os da nossa pobreza de conhecimentos para certames de

maior merecimento, e mendigar a critica judiciosa, e prudente dos homens doutos: E' assim que se aprende, e nós desejamos aprender.

Todas as vezes, que o illustrado analytico nos — encontrar em erro, e apparecer para no-lo apontar com franquesa, bem longe de stigmatizar-nos, dar-nos-ha nisso provas irrecusaveis do interesse, que toma pela nossa prosperidade. Pensamos assim, embora alguém crêa, que isso importa um desar.

O nosso amigo J. C. B. tambem aceita vossa analyse no que respeita aos preteritos definidos dos verbos; e mesmo na 13.ª quadra, posto que se errou, foi por fundar-se na opinião de Escriptores modernos de grande nomeada: o Sr. Alexandre Herculano, por exemplo, diz no seu Canto — *a Supplica* —

” Os teus fingidos queixumes

” Ingrata, eu heide punil-os

” Sou Juiz, e santas leys

” Obrigam-me a indelivil-os.

Finalmente teremos sempre em vista, que ao Mestre cumpre indicar os erros, e aos discipulos emendal-os com docilidade.

Março - 14 - 1853.

Mendes Cavalleiro,
J. C. B.

LITTERATURA.

Quanto vale um amigo?

A palavra *amigo*, tão usual na actualidade, é certamente o vocabulo mais encontrado: á qualquer se dá este doce epitheto, porem a rasão é porque não se conhece bem o valor de sua significação olhada por nós indifferentemente.

Abramos por um momento as Sagradas Lettras, e ouviremos ao Espirito Santo no Ecclesiastico dizer que *o verdadeiro amigo é o protector da nossa sorte, e aquelle que tem a felicidade de o encontrar, nada menos acha, que um thesouro mais precioso que o ouro, e q' a prata*: e tanto é verdade, que o feitor iniquo do Evangelho, chamado á contas, tratou de adquirir amigos nas pessoas dos devedores da casa de seu amo fazendo descontar as dividas, pelo que foi por seu senhor louvado como homem de juizo, não pela acção obrada, mas pelo modo com que os fez seus amigos, que lhe havião (embora com os bens do amo) valer quando não fosse mais feitor. D'esta mesma Parabola o Divino MESTRE toma occasião para instruir seus discipulos expressando-lhes que com esmollas comprem amigos para os tabernaculos eternos: Um Santo Doutor da Igreja dizia que ninguem sentenciasse nas contraversias de dous amigos, porque tendo precisamente de decidir-se a favor de hum, perderia um amigo, porem entre dous inimigos não lucrava menos que um amigo.

Em fim vale tanto um amigo, que certo homem inventariando seus teres disse: tenho tantos predios, tantos servos, tanto em moveis de madeira real, tanto em ouro, tanto em baixella de prata, e tantos

amigos, querendo assim mostrar que dava bastante valor a este genero precioso.

Provado pois que um amigo vale um thesouro, e visto que um thesouro custa bastante a encontrar-se, segue-se que bem difficil é, *principalmente hoje*, encontrar-se um amigo, digno de tal nome; porem já que todos querem tel-os, eis os mais necessarios attributos, que procuraremos achar no sugeito, que deve ser nosso amigo.

Quem não ama a Deos não pode ser bom amigo. Nem outra cousa disse o Profeta Jehu a Josafat, quando o reprehendia por tratar amisade com o impio Acab. *Impio*, diz elle, *præbes auxiliùm, et his, qui oderun Dominum, amicitia jungeris?* St. Agostinho bem o expressa nos seguintes termos; *ille veraciter amat amicum, qui Deum amat in amico, aut quia est in illo, aut ut sit in illo.* O Principe dos Oradores Romanos com o lume da rasão natural apenas disse; "eu creio, que só entre bons pode haver amisade:" se emfim lançarmos os olhos para a historia dos tempos hidos encontraremos nella um documento digno de ser lido, eil-a: em tempo de Theodorico um Diacono Catholico para ganhar mais a vontade deste rei, e tornar-se seu valido aberrou da sagrada Religião de Jezus Christo, e foi alistar-se sob as torpes bandeiras da idolatria, mas em recompensa de sua perfidia Theodorico o mandou matar disendo-lhe: "si tu não podeste ser fiel, ao teu Deos, como poderás sel'-o ao teu rei?"

Continuaremos a mostrar os predios que se devem buscar em um amigo. * * A.

— BURAJUBA. —

ou
A FESTA DE NATAL.

(Continuação do n.º antecedente.)

II

O dia de Natal.

São já dadas dez horas da manhã, e desde as oito estou no porto do Gallego, esperando pela galeóta que estava no beco da Roza recebendo as minhas companheiras de viagem; é escusado dizer ao meu leitor, quanto estava enfadado com tal demora; elle deve conhecer, qual a causa...

Chegou enfim o desejado momento; eu vou partir... a canôa faz-se á vela; e pouco a pouco me vai fugindo aos olhos o porto do embarque. Prospera nos foi a viagem apesar de algumas maresias que vinhão lavar-lhe os bancos, e empoçar-se-lhe no esgotador... muito me agradou lançar então um saudoso olhar para o meu mímoso Pará! ah! quanto é bella a sua vista da outra banda do rio! ...

As lisas agoas do pequeno, mas immensuravel Arapari já são por nós sulcadas: eu deviso, e... passo pela frente da fazenda do mesmo nome do rio, propriedade do Sr. Coronel Geraldo Joze de Abreu, bem situada, com engenho de moer cana, porem que depois da terrivel catastrophe cabanal bem se pode diser com o Poeta, *fuit Ilium*.

D'esta fazenda cerca de meia hora cheguei ao sitio onde devia jantar, e descansar, para seguir viagem para Burujuba, que dista de lá menos de meia maré.

Para o meu leitor formar uma ideia do lugar em que me acho, considere uma

caza assobradada á beira-mar, rodeada de frondosos arvoredos, com um bello jardim, e uma vasta campina cercada de riachos, cujos lados sustentão cacaoseiros plantados com esmero e simetria, e eis o meu novo diversorio.

A primeira cousa, que fiz, foi, tomar um banho, que me soube bem por causa dos ardores do sol de que fui victima em toda a viagem, (por não poder andar como gallinha de baixo de paneiro;) depois fui saborear os bellos cajus do mato, cacaos, mangas &c. e finalmente chamado para jantar, sentei-me, comi, e quando a noite se aproximou, tratei de hir procurar a rede, onde julgava gosar os doces effeitos de um delicioso, aturado somno, mas enganeime, porque ali ha bastantes barbeiros, que sangrao ás escuras, pelo que os temo muito, e por isso me foi de bastante custo socegar, o que se effectuou quando já se avisinhava a aurora; foi então que eu dormi até sol alto.

(Continua.)

POEZIAS.



M O T E.

Até quando preguiçoso dormirás!

SONETO PARA SER GLOZADO.

Que fazes, peccador endurecido?!

Não presumas dormir tão descançado,

Quê nos braços da culpa reclinado

Um eterno suplicio has merecido.

Se queres acordar arrependido

Desse somno mortal, e desgraçado,

Despresa já o mal, que tens amado,
Procura já o bem, que has perdido.

Com a Santa Penitencia em caso tal
Bem contricto, qual David, te abraça
Confiando só no Pai Celestial.

Oh! Escuta o santo aviso, que te faz
Discado-te com voz terna, e paternal,
Até quando preguiçoso dormirás?

GLOZA.

A culpa do primeiro desgraçado
Sabe-se que até nós foi transfundida;
Recebemos por tanto com a vida
A pestífera massa do peccado.

Mas o Filho de Deos crucificado
Para dar-nos a graça já perdida,
Deixou a sua Esposa bem provida
Nos Santos Sacramentos, que ha deixado

A' graça chama a todos igualmente,
Por todos Jesus Christo ha padecido,
A todos quer salvar eternamente.

Ah! Quem ainda não chora arrependido
Quem não trata de ser já penitente!
Que fazes peccador endurecido?!

Retratos da Santa Penitencia
Sabe-se que forão os Macarios,
Os Paulos, os Brunos, e os Travarios,
Invictos Heroes da paciencia.

Nestes sim, que reinava a innocencia;
Mas ainda que já sexagenarios,
Pobres, penitentes; solitarios,
Temem os ataques da indolencia.

Tu molle, preguiçoso, incontinente,
Nas delicias do mundo embriagado
Até quando serás tão indolente.

Ah! Não sejas de ti tão descuidado!
Teme, teme uma morte de repente,
Não presumas dormir tão descansado.

Essa parca, fatal executora —
Da pena, que aos mortaes está taxada,
Para os impios é sempre atraçoada,
E' cruel por extremo, é vingadora.

Para aquelle porem que sempre fora
De uma vida penosa, e ajustada
Não e a sua fouce envenenada,
Antes da Gloria eterna é percursora.

Onye attento, o que te digo, ó peccador,
Não é conto, nem fabula estudada
São verdades, que te ensina o Redemptor.

Qual outro Santo Lazaro chagado,
Mais vale morrer na graça do Senhor,
Que nos braços da culpa reclinado.

Qual o bruto feróz, desacisado
Que não tem da Razaõ a luz brilhante,
Vive o homem que pecca á cada instante
Sem remorsos sentir do seu peccado.

Tal é o peccador, que reprovado
Não se lembra de um Deos Omnipotente,
Satisfeito, gostoso, e mais contente
Ao demonio se entrega desgraçado.

Mas tu, ó peccador, quem quer que fôres,
Ainda que tão máo não tenhas sido,
Das chammas do inferno teme as dôres.

Uma vêz que tu tenhas delinquido,
Se da graça não buscas os favores
Um eterno suplicio has merecido

Continúa.

Explicação da charada do numero
antecedente: — CASACA.

EDICTOR,

ANTONIO DA CUNHA MENDES.

A VIOLETA.

PERIODICO RELIGIOSO, LITTERARIO, E RECREATIVO,
DEDICADO A' JUVENTUDE ESTUDIOSA.

—Publica-se aos domingos, e subscreve-se nesta Typ. a 500 rs. por 10 ns., pagos adiantados. Folhas avulsas a 100 réis.

A litteratura eleva o homem ao throno de Deos, porisso que o litterato é quasi sempre o homem religioso. (DA REDACÃO.)

LITTERATURA.

— BURAJUBA. —

ou

A FESTA DE NATAL.

(Continuação do n.º antecedente.)

III

A primeira oitava do Natal.

O sol já era bastante abrasador, quando seguí viagem para o antigo convento dos Jesuitas baptisado por elles, e chris-mado pelo povo com o nome de *Burajuba*. . . A's duas horas chegamos, e como tivéssemos de hir ainda visitar um nosso amigo morador no sitio fronteiro, cuja vida se achava em eminente perigo por causa de um profundo golpe de machado, que a falta, talvez, de cuidado occasionou, nos demoramos apenas, em quanto se transportarão para terra os nossos bahús.

Dahi a um quarto d'hora já eu conversava com o meu amigo, aquem mal se podia entender o que dizia: aqui tive mais uma vez de conhecer o erro dos Judeus acerca da vinda do Messias; sim, porque esse, a quem crucificarão fallando a seus discipulos disse: *que a fé ainda do tamonho de um graão de mostarda é por*

si bastante para transportar montes: com isto quero diser que só a fé o salvou, pois tendo ha cinco dias recebido o fatal golpe, se esvahiio em sangue nos tres primeiros, e só á força de muitos remedios conseguirão estancar'—o por momentos, por que ao menor movimento que fazia de novo se desatava a sangria: em quanto confortava o quasi moribundo homem, um pardo chegou ao porto: era um curador, ou benzedor de sangue (como lá o chamao) o caso é, que depois de faser para mais de meia dusia de cruces sobre a cesura, e mecher os beiços á maneira de quem résa, a veia cessou de expellil'—o . . .

Depois de feita esta operação fomos convidados para jantar: ah! quem me déra agora, a bella cutia guizada, e pato de tucupi com que me refestelei então! . . . Acabado o jantar forçoso era partir; nós com effeito o executamos. O vento geral sibilava horridamente, as ondas desafiavao o ceo, os pingos de um chuvisco pareciao pedras quando arrojadas de muito alto cahem sobre as costas do desgraçado viajor, a agoa se tinha senhoreado de meio esgotador, os relampagos, e trovões, tudo, tudo em fim que de horroroso existe, nos cercou, depois de rota a véla, quebrada a espicha, e

estalado o mastro; finalmente era para mim um anticipado dia de juizo! Porem graças ao poderoso cantico de Nossa Senhora, que pela terceira vez resado, o vento foi-se amainando, e as 6 horas eu estava no porto de Burajuba; fui logo para terra mudar de roupa, e descansar. Tal pelo cansaço da viagem, apenas pude chegar a janella para ver os escravos que davaõ principio á sua festa: elles vinhaõ formados nesta ordem.

Depois d'uma comitiva armada de braços de jupati, que chamavão armas, entre muitos faxos vinha a rainha mui trajada, com a corõa em uma salva conduzida por uma menina a quem chamavão primeira mordoma, ambas pessoas reaes, por isso que vinhaõ em meio de sua córte composta de mais de trinta mulheres, unicas que as podiaõ acompanhar alem da sua guarda d'honra,

Dahi a um nada, souu uma corneta de cana, cousa a mais parecida possivel com as dos nossos regimentos: era a chamada; pouco tempo depois veio por diverso caminho o rei, que entrou na Capella em companhia da sua córte, e da rainha, que esperava por elle no alpendre: quando de lá sahiraõ, não sei; eu a esse tempo dormia: eraõ nove horas.

(Continuar-se-ha.)

Quanto vale um amigo?

Continuação do numero antecedente,

O inimigo do teu amigo não pode ser teu amigo. Em abono desta verdade temos o axioma filosofico *Naõ podem convir entre si duas cousas, quando só uma dellas convem com uma terceira*

Sim. A uniaõ é a base da amizade, ora esta não se dá no meu amigo, e seu inimigo, logo não se pode dar tambem em mim, por isso que não são a mesma cousa entre si.

Sublime é a sentença de S. Chrisotomo fundado neste axioma: *Inimici, diz elle, sui amicum nemo in amicitias sumit*: e as provas estão nas mesmas Escripturas; O Invicto Sansão quiz contrahir amizade com Dalila, mais sendo esta unida aos Filistheos seus inimigos, não o podia ser a elle; e Sansão morre com aquelles sob as ruinas do regio pavimento. Herodes se disia amigo do Baptista, queera odiado de Herodias, a amiga d'aquelle; pelo que faz vir em uma salva a cabeça deste por premio de uma, *ao seu vêr*, bem executada dança.

Naõ sejas amigo de quem for mais nobre ou rico, que tu. Este o conselho do Espirito Santo. *Pondus super se tollet, qui honestiori se communicat: et ditiori te ne socius fueris*: a rasoõ ahí mesmo se encontra; *quando enim se colliserint, confrigentur*: daqui se ve a veracidade da fabula de dous vasos arrebataados pela corrente, o de ferro pedio ao de vidro que se chegasse para que podessem ambos vencer com mais valor a corrente, porem este lhe diz respondendo, *nada, companheiro; cada qual a seu destino, tu es mais forte que eu, pode succeder, que as ondas te faço bater em mim, ou a mim em ti, e eu só de qualquer maneira sofrerei o dano, por ser mais fraco*: ainda são d muito peso as palavras de Fedro na fabula do leão caçador, quando nos diz: *numquam est fidelis societas cum potente*.

(Continuar-se-ha)

POEZIAS.

O PARA'.

Este sólo tão fecundo
De rics todo cortado,
E' o sólo mais invejado
Dos sólos do novo mundo!
E esse rio magestoso
Que se arroja caudaloso
Do seu seio ao mar immenso,
E' bastante p'ra mostrar
Sua bellezr sem par
Seu territorio extenso!

Após d'este docemente
Bauha ás praias do Pará
Esse ameno Guajará
Que vai juntar a corrente
A esse dos rios — Pay: —
E correndo, vai evai,
Em seu curso ameno e lhãno,
Brandamente suspirando
Em murmurio mui brando
Juntar-se ao grande oceano!

Se do Mondego e do Lima
Os Vates viessem cá,
Entrassem no Guajará
E Amazonas acima
Seu curso fossem correr:
Haviaõ de alto erguer
Um canto na sua Lyra!
A minha callada . . . e triste
Dá inda signaes que existe
Mas se a vibro . . . só suspira! . . .

Só, suspira . . . apenas ousa
Erguer um canto singello
A este sólo tão bello
Onde a concordia repousa,
E onde a propria Natureza
Nos mostra com clareza
As bellezas que contem:
Esta terra perigrina
Teve por fado e por sina
O nome ter de Belem

Belem formosa Belem,
Rica terra do Brasil,
Tu és de todo o Imperio,
Das lindas a mais gentil!

Dás asylo hospitaleiro
A'quelle que o busca em ti:
E áquelle que como ami
E'proscripto estrangeiro
Tu dás prompto gasalhado
E aos golpes do negro fado
Evitas que fique exposto,
O triste, que espatriado
Longe da Patria — isolado —
Sofire pungente desgosto!

E'assim que no teu seio
Acolhes quem te buscou,
Ou quem o fado lançou
Lá dos abysmos no meio!
Pelo menos foi assim
Que tu acolheste a mim
Quando á *intriga* fugindo
Busquei em ti um abrigo
Sem ter aqui um — amigo —
P'ra me dizer: — *sê bem vindo!* —

Não precizei, foi bastanto
Nas praias tuas portar
Para de prompto achar
Em cada teu habitante
Um — amigo, um protector!
E se algum dia me for
D'entre o Povo Brasileiro
Nas canções qu'eu eserever
Heide sempre bem dizer
Este sólo hospitaleiro!

Pará, formoso Pará,
Rica terra do Brasil
Tu és de todo o Imperio
Das lindas a mais gentil!

Belem Março—2—53.

J. C. B.



CANÇONETAS.

AOS ANOS D'UMA MENINA.

De minha vida o jardim,
Me brotou mais uma rosa,
De rubra côr de carmin
Linda, gentil, o formosa.

Marilia tu és a rosa
Dos sonhos do meu amor,
Da minha vida afanosa
Sam teus sorrisos penhor.

E's archanjo de pureza
Meigo, mimoso, e gentil,
Das formosas a princeza,
Linda fada do Brasil.

E's taõ formosa que os Numes
Inyejam tua belleza,
Invejam teus meigos lumes
Prisma d'amor, e pureza.

Casta donzella, a natura
Esmerou-se em te formar,
Naõ te excede em formosura
Rôxa aurora a despontar.

O teu peito é um thezouro,
Onde o meu amor se enserra,
E's anjo em nuvem d'ouro
Descido do céu á terra.

Pará—1852. *Mendes Cavalleiro.*

A' MARILIA.

Marilia meu bem
Meu doce emprego,
Por ti já não tenho
O antigo socego.

Ati entreguei
O meu coração,
Gostoso verer
A nossa união.

Se como és bella
Tu fores constante,
De certo promette
Teu fido amante:

Os dias contigo
Gostoso passar,
E dias mimosos
Contigo acabar.

Por ***

Quadras offerecidas á Illm. Sra. D. L. G.
L. da S. pelo abaixo assignado.

*P'ra occultar em meo peito huma paixãõ
Naõ me dêo gram valor a Natureza.*

(Do auctor.)

Logo que vi ó Donzella
O teu rosto encantador,
Meu coração abalou-se
E sentio chammãs de amor.

Até entãõ, ó Donzella,
Amor nunca conheci;
Porém, d'elle fui captivo,
Logo que, teu rosto vi.

E sentirias, Donzella,
O effeito que senti,
Desde o feliz momento
Que teu rosto lindo vi?

Eu te amo, ó Donzella,
Como a ningtiem inda amei:
Alma, Vida, o Coração
Tudo, tudo já te dei.

Inconstante naõ me sejas,
Que eu a ti nunca o serei,
Eu te amo, eu te o juro,
Como a ningtiem inda amei.

B. H. A. S.

EDITOR — *Antonia da Cunha Mendès.*

A VIOLETA.

PERIODICO RELIGIOSO, LITTERARIO, E RECREATIVO,
DEDICADO A' JUVENTUDE ESTUDIOSA.

—Publica-se aos domingos, e subscreve-se nesta Typ. a 500 rs. por 10 ns., pagos adiantados. Folhas avulsas a 100 réis.

A litteratura eleva o homem ao throno de Deos, porisso que o litterato é quasi sempre o homem religioso. (DA REDAÇÃO.)

LITTERATURA.

— BURAJUBA. —

ou

A FESTA DE NATAL.

(Continuação do n.º antecedente.)

IV

A segunda oitava do Natal.

A brilhante aurora embuçada em seu purpurino manto acabava de expulsar de todo, o denso véo, decidido occultador de atroces crimes, e medonhos espectros da noite, já mesmo Fébo em seu igneo carro vinha começar sua incansavel lida, quando com o chamado de uma escrava, em cuja mão fumegava uma pequena chavena do liquido, á que damos o nome de café, acordei: brevemente decidi o negocio em dois minutos; essa deliciosa beberagem estava esquentando-me o estomago; de pois ergui-me da rede, banhei o rosto, e ouço o roncar da cornêta acompanhado do tambor, que annunciavão a proxima chegada do rei; que vinha desta vez primeiro com o seu sequito, e se dirigia para a capella; pouco depois chegou a rainha com as suas da-

mas; já sabe o meu leitor, não erão acompanhados, senão por pessoas do seu sexo tanto aquelle como esta (alem da guarda).

Deixemos por um momento esta *committante caterva* no alpendre da Igreja em quanto vou dar um passeio pela campina, á casa, e capella dos extinctos Padres da companhia, começando pelo porto.

Pedaços de já carcomidas taboas desencançadas sobre velhos esteios de rijo acapú por onde muito arriscadamente e só com bastante arrojo se pode andar, bem deixão ver a ferrea dentadura do tempo estragador, e por consequencia sua alta antiguidade; aquelle pois que mais acautelado quer andar, salta á lama, se está vazia a maré, e faz das cavilhas pódras de um barco, que ahi se encontra ponte, e por elle vai ter a vasta campina da largura do nosso campo da polvora, ou mais talvez, em cujo centro, pouca differença, se acha collocado o convento. Essa campina hoje cheia de capim, e mato alto obsta, que a vista mais agúda alcance a antiga olaria, que fica á esquerda da casa.

Um portão largo e pesado de pois de velho alpendre feito pelo mesmo molde do nosso palacio Episcopal conduz

á duas portas, que deixaõ ver dous corredores cheios de muito lixo, a cujo correr se vê cinco cellas; ao lado direito da entrada existe uma escada, que leva ao andar de cima; largo é o espaço de uma janella grande, muda expectadora das bramantes ondas, até outra que lhe dá as costas: seguem-se corredores iguaes aos de baixo, e cellas no mesmo numero com outras tantas janellas sem folhas que ficavão defronte dos quartos: no fim de cada um desses compridos corredores ha uma varanda, a da parte direita que servia talvez de côro, está sobre a capella, e suas janellas de recreio para todos os outros lados; a da outra devia ser a cousa mais bella, e pitoresca que dar-se pôde, sustentada por grossas columnas de pedra e cal, á semelhança de uma do convento de Santo Antonio, que olha para a horta.

Ao descer, seguindo a direita da casa está uma Igreja com alpendre tambem como o do convento dos carmelitas, no alto do qual se enxergão telhas e vigamentos pela maior parte novos, assim como nos baixos os tijólos denunciao recente reforma; a capella chamada Nazareth para ser seu orago a Santissima Virgem sob esse titulo é pequena, e muito semelhante a nossa do mesmo nome nesta Cidade; seu altar-mór com sacrario todo dourado pelo gosto do collegio de Santo Alexandre, contém tres nichos, um no meio com a Imagem da Santa Virgem.

Entre diversas Imagens se encontrão duas—obras primas,—uma da Virgem e Martir Santa Barbara de dois a tres palmos de altura e outra do Senhor morto, ah! *tempora mutatur et nos, et*

omnia mutantur in illis!! de que servem esses primores todos, ricos paramentos sacerdotaes, de altar, vasos de Sacrificio, se tudo está votado ao esquecimento envolto em pó, e já quasi por assim dizer sepultado no horrido abismo do desprezo!! se ao menos na familia houvera um Padre para dar apreço a tanto!! mas não um escravo serve de sachristão outro exerce as funcções de Sacerdote no que não precisa poder de Ordem, quero dizer offerece a reza, em fim de tudo o que temos visto bem se pode sem erro dizer como outróra o viajor: *campus ubi Troja fuit.*

Hoje pela primeira vez lanço um dos meus presados pensamentos [sim, presados por mim, e só para mim] nas tortuosas veredas d'este mundo critico; porisso direi como o Sr. A. E. Zaluar:

“ Amanhã — meu pensamento,

“ Pobre de ti — onde irás ?

“ Em que espinhosos silvados

“ As azas tú rasgarás ?

Prezados, sim, não porque sejaõ subidos versos ou apollineas canções; mas por serem os productos das minhas vigílias, e das horas do meu triste meditar!

Exponho-os ás vistas talvez de centenaes de Poetas, que em alto estylo, e elevado métro se tenham emgrandecido, que em principiando a lêr tão fracos e moribundos versos afastem seus olhos sem quererem honrar com suas vistas, mesquinhos productos faltos de brilhante metrificacão; e inêa direi como o mesmo Sr. Zaluar.

“ Quantas vistas distrahidas

“ Te fítarão sem te ver ?

.....

.....

Porem se arrisco os meus tristes carmes, he por ter a certeza de que os homens doutos não sabem desprezar, e que conceder-me-hão desculpa imaginando que são productos de tão insignificante Lyra, que apenas a dedilho mansamente com medo que as ferrugentas cordas se não quebrem.

O QUE EU INVEJO.

Não quero pompas, — nem galas,
Nem custosas pedrarias;
Nem abitar n'essas salas
Em que nos suffocão as fallas
Diversas perfamarias.

Não quero ser um — Sultão
D'essas terras do Oriente;
Não quero reger nação
Que se proste pelo chão,
Ao mover do meu Tridente.

Não quero terras uffanas
Qual — Belgrado, — ou — Senlim;
Nem lindas — Georgianas
Com suas fronte sob'ranas
Dardejando de rubim.

Nem — Sevilha, nem — Granada,
Nem — Stabul — a favorita!
Nem as — Gregas — animadas,
Nem as faces inamoradas
Das espertas — Moabitas.

Nem — Circassiana — esbélta
Dormitando no Sophá,
De mil carinhos compléta
Sonhando com o Proféta,
Invocando o seu — Alhá.

Nem de — Alhambra — ou Palmira
Desejo o vasto poder;
A odalisca que suspira,
Nem esmeralda nem saphira
Desejei somente ter.

Nem sophá de mil brocados,
Nem quero vasto harem;
Nem mil tapêtes bordados,
De orphir bem matizados
Que de longes terras vem.

Despreso toda a riqueza
Que he toda incomplecta;
Qu'o ouro faz a avareza,
Faz o medo a incerteza,
Só invejo o ser — POETA! —

Invejo o grande — Virgilio —
A — Camoës — Tasso — Byron —
Quero ter o seu auxilio,
Embora soffra o exilio
Dos vates de mór condon.

Invejo a triste choupana
Longe do bolir do mundo:
Troco por pobre Cabana
O amor d'uma Sultana,
E seu palacio jucundo.

Invejo mais o viver
Pelos vales, pelos montes
Invejo. . . acho prazer
No murmurio que a correr
Vão fazendo as lédas fontes.

Invejo os prados inastrados.
De esmeraldas, e de verdores;
Invejo os cantos animados
Dos cantores enamorados
Trinando doces amores.

Invejo a Lua fagueira
No seu pallido vagar,
E a briza feiticeira
No seu brando sussurrar;
Invejo tudo que pode
A um POETA inspirar.

Invejo o dom de POETA
Como inda nada invejei

Invejo. . . pois he proféta!
E a profecia faz Lei!

Bragança 25 de Novembro de 1852.

A. R. Borba.

TRAIÇÃO.

Ao meo amigo o Sr. Joaquim Pereira de
Sousa, em testemunho de afeição.

*Je l'aimais du plus tendre amour;
Elle m'a trahi, l'infidèle!
Mais elle est trahie à son tour,
Et mon rival m'a vengé d'elle.*

(Parny.)

Aurelia fera, e traidora
O teu cruel coração
Só se lhe póde chamar
O symbolo da ingratição:
Eu já d'elle experimentei
Quanto dóe uma traição.

Pela tua fé mais pura
Tyranna, tu me juraste,
Que d'outro tu não serias,
Um dia, que me fallaste!
Quebraste teo juramento,
E meo amor olvidaste!

Pelos carinhos traidores
D'esse meo cruel rival,
Me despresaste, ingrata!
Elle não te amava tal.
Julgaste ser mais ditosa,
Tiveste sorte fatal!

Justos céos elle vingou-me,
Deixando-te abandonada!
Tu agora em vão lastimas
Tua sorte desgraçada,
Que comigo havia ser
De mil venturas ornada!

Já conheceste, injusta,
Os effeitos da traição! . . .
Como eu, tambem sentiste
Tanta dor, tanta afflicção,
Que soffreo então meo peito
Com a tua ingratição!

Aos céos imploro que passes
Tua vida perseguida;
Que nenhum socego tenhas
Perfida! . . . traidora! . . . infida! . . .
Que essa tua crueldade
Com rigor seja punida! . . .

Fevereiro—1853.

Frederico Carlos Rhossard.

CONSELHOS AOS TOLOS.

Agrada sempre os filhos, de quem quer
que seja, e procura conversações religiosas
com os velhos. Os pais amaõ, a quem ama
seus filhos, e os velhos são religiosos por na-
tureza.

Nunca te intromettas em questões alheias.
Cada um contendor quer ter razão, e o ho-
mem tolo não sabe da-la a todos. Dar a ra-
zão á quem a tem compete aos juizes, nega-
la á quem a não tem compete aos tolos.

Nunca elogies alguém perante os que o
odeiaõ: deffende-o simplesmente, se é teu
amigo, e se de todo não te poderes calar.
Um elogio ou deffeza indiscreta dá muitas
vezes motivo a accusações mais fortes.

CHARADA.

Naõ há mulher sem m'haver — 1
Das sete irmãas uma sou — 1

Conceito.

Nada digo, nada fallo,
Mas rezo, se á missa vou.

EDICTOR,

ANTONIO DA CUNHA MENDES.

A VIOLETA.

PERIODICO RELIGIOSO, LITTERARIO, E RECREATIVO,
DEDICADO A' JUVENTUDE ESTUDIOSA.

—Publica-se aos domingos, e subscreve-se nesta Typ. a 500 rs. por 10 ns., pagos adiantados. Folhas avulsas a 100 réis.

A litteratura eleva o homem ao throno de Deos, porisso que o litterato é quasi sempre o homem religioso. (DA REDAÇÃO.)

A VIOLETA.

A' REVISTA DA VIOLETA.

Quando elaborámos o nosso artigo publicado no n.º 5. do nosso Periodico estavamos longe de enunciar uma apologia ensopada de ironia: enunciamos simplesmente o nosso pensamento livre de allusões. Se *amigos officiosos* que não sabendo expressar-se, tiveram a louca persuasão de explicar o nosso artigo envenenando-o; o nobre Revizor não deve prestar ouvidos a *zeros*, e guiar-se sómente pela sua reconhecida intelligencia. O nosso proceder d'aqui em diante vos hade provar a veracidade do que dizemos.

O nosso *Soneto* publicado no n.º 4 deste Jornal mereceu por sem duvida a bem cabida censura, e nós a-haviamos previsto. Lá está a *Jaculatoria do improviso*, que é uma capa de velhacos para salvar-se á responsabilidade dos defeitos da composição. O *Soneto* em questão é um destes membros da mesma familia a quem a natureza negou as graças, e sympathias de seus irmãos; mas seria uma impiedade expulsar da caza paternal o *calunguinha*, que não teve culpa da sua deformi-

dade! A pesar de tudo sempre lhe temos alguma amizade.

Depois de uma *crucificação* o nosso primeiro pensamento foi uma *Cruz*: bem vêdes que damos com isso um exemplo de humildade, e de reconhecimento do erro, appresentando o instrumento para o nosso supplicio!

A pressa com que copiamos a nossa *gloza* ao mote — *Subi com a minha amada &c.* — publicada no mesmo n.º deste Periodico, nos fez olvidar a citação do extracto do mote. Foi com effeito do *Ramallete* que o extrahimos, e vos agradecemos este reparo, por que esta falta poderia nos importar uma accuzação de plagiario.

Mendes Cavalleiro,

C. de B.

O DIA 25 DE ABRIL.

A MEU PRIMO JOZE M. C. DE MAÇEDO.

Meu amigo — O dia 25 de Abril é para nós um dia de lucto, e de tristissimas recordações porque commemora á

epoca do passamento de um santo homem, que nos adorava, e que solicito buscava todos os meios de felicitar-nos!

Hoje faz tres annos, que elle em leito de dores exalou o seu ultimo suspiro! E daqui começa a serie nunca interrompida de nossas desventuras!

Nesse tempo estavas tu em Pernambuco, e ao zunido das balas, e do ribombo dos canhões expunhas a tua vida pela manutenção da ordem, e das instituições de teu paiz!

Correu, então, a vaga noticia da tua morte, que indo bater de chofre na alma de teu extremo pay a fez abalar, e pouco depois elle expirava, com o pensamento cravado em ti!

Impios! Que nem souberam avaliar a dor, que uma noticia semelhante ia levar ao coração de um pay moribundo, e lhe deram a beber todo o veneno de que estava contaminada essa noticia!

Pobre soldado! Quando depois das fadigas de uma guerra em que colheste os louros de um triumpho glorioso com os teus irmãos d'armas, te preparavas para fruir as dilicias de uma paz que havias conquistado, entre os braços paternas; anuviou-se o teu ceu de esperanças, e foste bater de encontro a um cadaver!... Era uma victima, que se tinha immolado por ti!... Era o teu melhor amigo!... Era finalmente teu pay!!

E o soldado acostumado a luctar com a morte impavido, e de rosto sereno, curvou-se a uma humilde sepultura, e chorou!.....

E', que aquella sepultura era para elle um sanctuario de veneração, e saudade, porque enserrava as cinzas de um pay idolatrado!

Mais tarde quizeste erigir um monumentozinho ás suas cinzas, mas foi baldado o teu empenho, porque o soldado coberto de gloria no campo da batalha, tinha sido bem mal aquinhoado pela fortuna, para poder tornar excluzivo ás cinzas de seu pay, e depois á sua familia, o ultimo jazigo. Custava muito dinheiro, e a patria reconhecida, nem lhe estendeu mão protectora!.....

Hoje, já nada resta, que possa levar á posteridade e nome desse homem cuja vida foi tão preciosa, e tão util á humanidade, a não ser a saudosa memoria, que deixou em nossos peitos, e de seus numerosos amigos!

Ella será por ventura mais perduravel do que as pomposas inscripções o mais das vezes fabulozas, que o cinzel da vaidade grava sobre o marmore, e sobre, o bronze!

Dous paus, que ali haviam fincado em forma de estaca, eram o unico signal da sua sepultura; esses porem já lá nem existem, mão profana, ou o tempo voraz os destruiu, e não houve mão caridoza, que em substituição áquelle humilde signal alcasse uma cruzinha sobre a sepultura do bem feitor da humanidade!!

Eu, pobre operario, assim como tu, baldo de meios, tomei amim essa impressa, e por isso te dedico hoje este singelo monumento de saudade ás cinzas de teu sempre chorado pay, e meu prestimozo tio, e amigo, que tambem servirá de enlaçar mais a nossa amizade, pela profunda veneração que ambos consagramos ás suas venerandas cinzas.

25 de Abril. 1853.

Mendes Cavalleiro

A CRUZ.

Salve — moimento
 Do — passamento.
 Santo — jazigo
 De lêda paz,
 A onde — jaz —
 O bom — amigo —

O bom pai, bom esposo, bom cidadão,
 Que solto dos liames da fragil vida,
 O corpo deu á terra: a alma querida
 Vocu-lhe pura á eterea habitação!!!!

Roubou-lhe a vida
 Tão santa e bella,
 — Morte homicida —
 — Febre amarella. —
 D'entre a consorte,
 E — filhos charos, —
 Que — careciam —
 De seus amparos!
 Ora, — gemendo, —
 Vivem — soffrendo —
 Do fado horrendo
 Mil privações!!!!
 — Prole querida, —
 De — doce vida, —
 — Que vai perdida —
 Nos turbilhões!!!!

Triste — scena — pavorosa
 Vê-se — ali — representada,
 Triste — Esposa — lacrimoza
 De dez filhinhos cercada!!!
 Ai! tenham dó dos mesquinhos
 Pobres orphãos, coitadinhos
 Que vivem vida d' espinhos
 Com a mãe atribulada!!!

Um Anjo bondoso (*) descido do céu,
 Rargou-lhes o veo da — negra — desgraça,
 E mão protectora estende aos mesquinhos
 Com ternos carinhos; nem sabe o que faça!

Mas não pode apagar-lhes a — Memoria —
 Do — homem virtuoso, — que he — sempiterna —
 Em — ternos corações, — cuja — gloria —
 Consiste em lhe votar — saudade Eterna!!!!!! —

A sentida morte da Sereníssima Princeza
D. Maria Amelia falecida á 4
de Fevereiro de 1853.

Ai Prole da magnanima—BRAGANÇA
Quão cedo te sumio na eternidade
A pavorosa maõ, que os raios lança.
BOCAGE *Sont.*

Correi sobre estas flores desbotadas
Lagrimas tristes minhas, orvalhae-as,
Que a aridez do sepulchro as ha murchado.

.....
GARRETT.—*Camoës.*

SONETO.

Mais de sobre a terra um anjo puro
Para sempre aos olhos se escondeu!...
E de dois Tronos o Sctro estremeceu,
Lamentando com dó o corte impuro!...

Das princezas — modello — o mais seguro
A virtuosa—AMELIA—provas deu....
Mas, apoz de mil males que soffreu,
Soffre da Parca o golpe prematuro!...

Fagueiras, vãs esperanças que tivemos
Ei-las oh dor!... em cinzas no jazigo
Com—Tua—formosura que perdemos...

Que será pois de nós sem teu abrigo?
Miseros sem auxilio; o que fazemos
Que nos não vamos ajuntar contigo?—

Belem—Abril—2—de 53.

J. C. B.

MOTE.

*E's archanjo de pureza
Meigo, mimoso, e gentil,*

(* Allusão aos Srs. J. C. C., e P. M. que
possuidos d'um espirito verdadeiramente e-
vangelico a nada se tem paupado para pro-
teger essa infeliz familia desvalida.

*Das formosas a princeza,
Linda fada do Brasil.*
(Mendes Cavalleiro, Canç.)

GLOZA.

E's Amelia a Divindade,
Que sabe amar com firmeza;
Não existe em ti maldade,
E's archanjo de pureza.

De Belem és linda flor,
Dotada de graças mil;
E's meo anjo, és meo amor
Meigo, mimoso, e gentil.

De portentos é ornada
A tua immortal belleza;
Tu és Amelia adorada
Das formosas a princeza.

Não possuiue a argentea Lua
No seo lindo Céu d'anil,
Formosura igual á tua
Linda fada do Brasil.

Abril—29—1853.

Frederico Carlos Rhossard.

ACROSTICO.

Ea tua formosura
Emblema da perfeição!
Nos carinhos, na ternura
Mençã teu coração:
Imagem dos sonhos meus...
Que na terra és o meo—Deos—
Come teu peito a meu peito,
E se da face o rubor
Me trazer á mente — amor —
Amor seja o seu effeito.

A charada do numero passado é — *Mudo.*

EDICTOR — A. DA C. MENDES.

A VIOLÊTA.

PERIODICO RELIGIOSO, LITTERARIO, E RECREATIVO,
DEDICADO A' JUVENTUDE ESTUDIOSA.

—Publica-se aos domingos, e subscrive-se nesta Typ. a 500 rs. por 10 ns., pagos adiantados. Folhas avulsas a 100 réis.

A litteratura eleva o homem ao throno de Deos, porisso que o litterato é quasi sempre o homem religioso. (DA REDAÇÃO.)

LITTERATURA.

— A MALEDICENCIA. —

Estamos collocados na scena da analize do assumpto, que vamos pôr em acção.

— Convidamos toda a classe de homens sem distincção, ou gerarchia, a querer acompanhar o juizo, que sobre tal materia formamos tanto aquelles, que votados a pró, quer á quelles, que queiram combater nossas oppinioes: sejam embora os primeiros em numero muito frouxo, e sejam os segundos em collossoza unidade. Achamo-nos em campo afim de discutirmos o nosso pensar, e promptos a rebater nossos oppozitores. Encetamos a verêda, que temos de marchar. Larguemos a penna, e deixemo-la desenhar aquillo que seos acanhados, e balbuciantes bicos possao retractar: ei-la que dá principio á sua missao: —

— “ Quando se falla em *maledicencia*, aquelle que fór verdadeiramente humano, as carnes se lhe deveram arrepiar, e esses profanadores da reputação alheia, criminamo-los até a face do tribunal da justiça divina; quanto ao nosso ver, nada mais faremos do que accuzar os algózes, que com vestes humanas divagao entre a Sociedade. *A maledicencia* é de persi tão terrivel, que aquelle

que abrange sua ceita, quando chega ao auge de lhe não poder dar o exercicio na fama das victimas inermes, de si proprio se torna uma praça da mais alta abominacao, onde os da sua parentella acham um mappa capaz de por elle se dirigir até aos mais remotos lugares, onde, a execranda *maledicencia* tenha constituido delegados. Asseguramos com todos os nossos ainda que veniaes pensamentos, que o homem, que entende dever manchar a reputação de outrem, é um malvado; uma fera sem coração, que habita entre os homens! Um criminozo, que a todo o momento sente preparar-se-lhe a sentença, para lhe refrear tão odiados delictos! E', finalmente, este hostile dragão, hum traidor, que no momento em que acaba de pôr em pratica a vida privada do cidadão, cuja inviolabilidade o proprio Céu, e a mesma terra respeitam: os mesmos animaes são mudos, e nem um só gesto induzem dar, onde indique rasgar o véo, que incobre a fraqueza humana. Porem este lobo esfaimado, torna-se umas poucas de vezes vorás, mais que o carniceiro da serra, que não dá quartel ao manço cordeiro.

Tantos tem sido os exemplos de se poder detestar a *calumnia*, para que do uma vèz se possa arrebatat os viz execradores, e seus sequazes. F. G.

Quanto vale hum amigo?

E' necessario haver semelhança no genio, idade, e exercicio. S. Jeronimo diz: Amicitia porem aut facit, aut alterius eminentia, alterius subjectio, ibi non tantum amicitia, quam adulatio est: maior prova temos na Escripura, Jacob e Ezaú forão gêmeos, porem nunca amigos, porisso que Jacob amava a casa, e Ezaú a caça. S. Leão Papa diz que a semelhança nos costumes é a base da amizade nestes termos: inter homines e a firma amicitia est, quanmos um similitudo sociavit: diz-se, finalmente; que um carvoeiro querendo morar com um lavandeiro este lhe disse: não amigo: eu sempre a lavar, e tu a tisanar não podemos viver amigavelmente.

O verdadeiro amigo é aquelle que no tempo da afflicção concorre fisica, e moralmente para a melhora do seu amigo: assim Santo Agostinho: nihil sic probat amicum, quemadmodum oneris amici portatio, porisso lamentava Jeremias a Jerusalem, dizendo que a via desolada, dispreada dos seus amigos e até dos proprios conhecidos; no fim temos a prova no infortunio de Job, sentado no cume da montanha raspando suas asquerozas ulceras, sem que algum daquelles que antigamente se dizião seus amigos, viessem ao menos por mera curiosidade ver o triste estado, até então inaudito, em que se achava; donde se segue que:

A amizade proveniente da meza, e do passeio não é amizade. O Ecclesiastico nol'—o affirma: est autem amicus socius meusa, et nou permanebit in die necessitatis: S. Gregorio Naziazeno: fidis amicis nilputa praesertim, quos casus as per partuait, non pota para taes amizades chama Alapide amigo das panellas, fervet olla, vivit amicitia e ainda melhor o disse Martial: hunc quem vina tibi, quem mensa paravit amicum, esse putas fide pectus amicitiae? Vinum amat; et cyathos, et sumina, et ostra, non te, sublato vino nullusamicus erit.

A ROZA.

(No ALBUM DE LYSIA.)

I.

..... J'aime
Toute rose
Qui fleurit!
(V. Hugo.)

Eu tinha no meu jardim
Uma rosinha sem par!
Pedi-lhe amor — era linda,
Vaidosa não m'o quiz dar!

Era transumpto perfeito
De lindeza, e de candura,
Das flores do meu jardim
Era a mais linda, e mais pura!

E qual rainha formosa
Do imperio dos jardins,
Tinha um throno d'esmeraldas
Cravejado de rubins!

Mas, a mesquinha vaidosa,
Por ser linda de encantar,
Despresou-me, quando quiz,
Os seus encantos gosar!

Tinha espinhos, ferio--me
Bem dentro do coração!
Espinhou-me por vaidade,
Por maldosa ingratidão!

Julgou eterna a lindeza,
O viver julgou eterno!
Não pensou, que á primavera
Sempre succede o inverno!.....

II.

..... La fleur ephemere
Qu'un jour d'orage fait mourir
(P. Flaugergues.)

Um dia, após, desfolhada;
Nas azas de um tufão;

Sem lindeza — já mirrada,
Rojava immundo chão!

E a mesquinha desfeita
A' furia do vendaval,
Reconheceu desta feita,
Que ser vaidosa faz mal!

Chorou então o passado,
E a lindeza já perdida!
Chorou ter-me despresado,
E mirrou-se arrependida! . . .

III.

Orgueil
Ce n'est point là le bonheur de la fame.
(*Louise Colet.*)

Vê Lysia como se pune,
Uma affeição despresada,
E' pena, que se reune
A vaidade illimitada!

Não queiras, Lysia, ser rosa,
Que por vaidade orgulhosa,
Sempre cruel, desdenhosa,
Mirrou-se só — isollada!

Rio Capim 27 de Julho de 1851.

Mendes Cavalleiro.

O SOM EXTREMO DA LYRA.

Je vois s'accumuler des jours
Que n'embellit point l'esperance,
De mon enutele existence
Je vois se prolonger le cours.
(*Mlle Flaugergues.*)

Solta; ó Lyra queixosa o canto extremo,
Como extremo fulgor de luz que morre;
Sons lamentosos, quaes murmura o cysne
Da vida o despedir-se, hoje m'impresta,
Uma nenia, depois . . . silencio eterno!

A. M. C. MONTEIRO — TROVADOR.

Minha Lyra . . . tu que eras
Toda á minha distracção,

E que a meu coração
Sanavas as dores feras,
E, em torrentes d'harmonia
De mim a melancholia
Fazias por affastar:
Hoje muda . . . a meu chamado —
N'um triste som magoado
Respondes-me a suspirar?! . . .

Vibra pois, Lyra maviosa,
Um teu brando, e doce acento;
Pode ultimar meu tormento
Tua harmonia saudosa!
Consente que a um som dos teus
Eu confie os fados meus,
Minha agra e cruel sorte
Meus suspiros d'amargura;
Que o teu vibrar de ternura
Pode ser que me conforte.

Quero contigo carpir
As minhas dores atrozes,
E com tuas meigas vozes
Meus lamentos confundir!
Entre um som harmonioso
Não deve de ser custoso
Sopportar a desventura!
E meu peito taõ chagado
Só pode ser consolado
Por teu vibrar de doçura.

Pobre de mim . . . trovador;
Pobre sim . . . perdi a Lyra!
Ja não tenho onde desfira
Um canto doce d'amor!
E, se frido do ciume
Eu quizer triste queixume
No — *Album* — meu exarar
Não tenho Lyra . . . — Infeliz . . . !
— Pois, que a sorte assim o quiz
Quero meus dias findar . . . —

Quero com a Lyra minha
Triste existencia a cabar;
A sepultura habitar

Naõ quero que va sosinha;
Quero com ella a meu lado
Ser ao sepulcro lançado;
E de pois d'em symetria
Seremos no tumulto encerrados,
Ergueremos abraçados,
— Um hymno — á campã fria! . . .

Belem, Fevereiro 22 — de 53. —

* C. de B.

A uma Roza que vi desfolhada no baile
dado ao Rvr.º Snr. Padre Pedro
Honorato Correa de Miranda.

A ROZA DESFOLHADA.

Ao Illm.º Sr. A. C. B.

.....
Pobre flor!
Quem pensaria?
Que de uma bella como tu
Fim tão triste te veria?

(Do Album do Sr. A*)

Pobre Roza innocentinha,
Coitadinha! . . .
Que cruel te desfolhou?
Se foi donzella formosa,
Linda Roza,
Certamente nunca amou.

Quem sabe se tu tão bella,
Como ella,
Seu peito foste ornar?
Desfolhou-te sem piedade,
Crueldade! . . .
Com rigor te quiz pagar!

Já tuas folhas crestadas,
Enrugadas
Pelo bafõ ardente estaõ
D'essas turbas que girando,
Vão dançando
Sem as verem pelo chaõ. . .

Mas quem sabe se a virgem afanosa,
D'uma Walsa ligeira ao findar
Descuidada te foi desfolhando
Sem lembrar-se que te ia matar? . . .

E quem sabe se airosa Donzella,
Da quadrilha na marca engraçada
Onde a mão lhê apertaraõ subtil
Só pensando... deixou-te esfolhada?..

E talvez que em alegre Schottisch
Que com o amante queria dançar,
Vio o ingrato troal-a por outra! . . .
Naõ devia em ti se vingar??

Mas coitada!
Pobre Roza,
Tãõ formosa,
Desfolhada . . .
Por cansaço . . .
Por lembranças . . .
Por ciumes . . .
Maltratada!! . . .

Folhinhas innocentes eu vos guardo . . .
Mau genio nos fadou!
Como a vós ãa Donzella as fibras d'alma
Uma aama me arrancou!!
R. Borba.

FACTO ORIGINAL.

Um mancebo, que havia pouco tempo
tinha chegado á esta cidade, foi convidado
para o baile de aceitou o
convite, e depois de ter dançado varias
quadrilhas, foi rogado para dançar a
Schottisch; condescendeu o mancebo, e
cuidou de tirar par — *Minha Senhora,*
quereis fazer-me a honra de dançar
comigo a schottisch? perguntou elle com
urbanidade a uma moça que ali se achava.
Esta com signaes de desapontamento res-
pondeu incoherisda — *Sr. sois um gros-*
seiro, eu não tenho cara de linguissa, e
quando ativesse não modevies chamar!

EDICTOR — A. DA C. MENDES.

A VIOLETA.

PERIODICO RELIGIOSO, LITTERARIO, E RECREATIVO,
DEDICADO A' JUVENTUDE ESTUDIOSA.

— Publica-se aos domingos, e subscreve-se
nesta Typ. a 500 rs. por 10 ns., pagos adian-
çados. Folhas avulsas a 100 réis.

*A litteratura eleva o homem ao throno de
Deos, porisso que o litterato é quasi sempre
o homem religioso.* (DA REDAÇÃO.)

LITTERATURA.

O AMOR DOS BRAZILEIROS.

He o amor um sentimento que todos geral-
mente sentem! He uma paixã que domi-
na tudo quanto existe n'este mundo..... Po-
dem nem todos sabem amar! Nem todos sa-
bem respeitar esse dom sagrado como devem!

Os Polacos amão! Mas com que amor? Seu Sul-
tão não tem um amor verdadeiro e certo: seu
throno transbordado de Odaliscas Granadia-
nas &c. &c. cada qual de formosura rara,
como pode elle sentir essa paixã que só deve
ser dedicada a uma? como pode elle sentir
amor firme, e verdadeiro?...

Os Plebêos desta mesma nação, sem pe-
zar algum, entregão suas filhas e mulheres
ao Rei se este as cobiça! (1) E amão?...

Os Polacos amão! Mas com que amor?
Com um amor cremintso... um amor que
quer logo ao primeiro impto dominar. Amor
que não quer encontrar obstaculos em seu im-
perio e que só se contenta se derrama sangue!

Os Francezes tambem amão! E amão com
o maior fogo possível; mesmo até com risco
de suas vidas: porem se conseguem seus fins,
torna-se um amor devasso, um amor corrup-
to e desmoralizado!

Os Inglezes em fim tambem dizem sentir

amor!... Que amor sentem elles?

Um amor invejoso! um amor vil, pela
cavillação!...

Elles só amão aquem mais riquezas tem:
aquem lhes emche a suas vastas ambições!

Uma Orphã, uma Donzella pobre, éssa
não caza; éssa nem ao menos ácha um In-
glez que olhe para ella, essa morre a fome,
se não prostituída!

E haverá quem ame com firmeza? quem
sinta necessidade de laborar-lhe pelas en-
tranhas com maior vehemencia? Quem soffra
todos os azares de que sempre vem rodeado o
amor? Quem suporte todas as desgraças,
todas as miserias; sem ao menos ouzar mal-
dizer-se?!

Há, sim, são os Brazileiros! Esses amão,
sabem amar e respeitão essa paixã!

Elles daõ ao seu amor uma espanção sem
limites: deixaõ-no estender e profundar gros-
sas raizes; até que, as mais das vezes, os
despenha n'um lodassal de soffrimentos. E
teem para suportar suas desgraças, uma for-
ça, e uma coragem sobre-natural!

O Amor no Brazileiro, he firme e leal. Se
são desprezados, se outrem não se dá conta
d'onzella aquem votava seu coração; resigna-
se, espéra... e inda lhe deseja felicidades!

Porque?... porque esse amor não foi
concebido com segundas vistas; porque esse
amor não he criminoso.

Anvejaõ a sorte do seu rival; mas...
soffrem a sorte do seu rival; mas...

(1) E daõ a isto o nome de honra

resada pelo mesmo

aquem votou seu amor, pelo mesmo aquem entregou seu coração e honra (2) recebe-a em seus braços, consola-a, e inda a ama mais se he possivel: mostra-se affavel, carinhoso, o mais que pode; guardando com sigo a paixão de possui-la inflamada!

Éis o amor dos Brasileiros!

Embora alguem diga que he um amor sem brio, que he um amor sem recintimento. . . digão-no, não emparta. . .

Nós diremos sempre que, he o verdadeiro sentimento, a verdadeira paixão a que chamamos — amor! — *

POEZIA.

A' BORBOLETA.

*Sul volto avêa le rose,
Le spine ascose . . . in cor.*

(Jacob Ferretti.)

Matizada borbolêta
Que vaguêas sem sessar,
Tu és qual meu pensamento
Que não sessa de girar.

Voando,
Sugando,
Poisando
Na Flor . . .

Assim como lidas
Eu lido em amor.
Tu és qual meu pensamento
Que vaguêa sem sessar,
Tu és qual o meu viver
Que não sessa de penar.

Gemendo,
Soffrendo,
E tendo
Mão fado . . .

Ai triste, por que?
Por ser um soldado.

E não tenho nem siquer,
Nem siquer uma esperança;
Para os malles que suporto
Eu não sei o qu'ê bonança.

Me mata,
Maltrata,
A ingrata
Que adoro,

Sem ter compaixão
A'os malles que choro!

E se queixo-me . . . zombando,
Ella ri do meu penar;
Borbolêta, és voluvel
Como ella no amar.

Mentindo,
Fingindo,
Sorrindo
Fagueira . . .

Jurou-me constancia
Mas é lisongeira.
E não tendo nem siquer
N'este amor uma esperança,
Oh! com tudo não se offusca
Essa ingrata da lembrança.

Espero,
E quero,
Toléro
Meu fado . . .

Que posso, quem sabe
Ser logo estimado?
Se não tendo ella firmeza
De me amar como eu á ella,
Pode ser qu'outra mudança
Faça amar-me essa Donzella.

Voando,
Girando,
Mudando
De flor . . .

Bem pode querendo
Nutrir meu amor.

R. A. Corrêa de Faria

UM SONHO.

A'noite no meu leito recostado
Leve somno dormi;
Leve somno, que ás palpebras pesadas
Somente obdeci.

E d'esse meu dormir... fui despertado
Por uns sôns que ouvi;
Amódo qu'era assim qu'elles desião
Se eu não m'esqueci:

“Tua amante a quem protestas
“Amor firme e verdadeiro,
“Só te paga em troca d'esse
“Co'um affecto lisongeiro.

E a vóz como do inferno sepultou-se
A onde é que não sei;
Mas foi ella bastante para dar-me
Torturas que provei.

Ah! que o sonho as vezes é presagio
Que poucas vezes érra;
Foi uma prevenção este sonhar
Do que a ingrata incerra.

Maranhão. R. A. Corrêa de Faria.

MOTTE.

Eu adoro as Paraenses
Como adoro as Divindades,
Ah! quem déra se podesse
Matar d'ellas as saudades.

GLOZA.

Entre as bellas Maranhenses
Desfructando o bom agrado,
Hei por vezes confessado
Eu adoro as Paraenses.

Visitei essas Beldades
Duas vezes tão somente,
Mas adoro-as ternamente
Como adoro as Divindades.

Quantas vezes me entristeço
A lembrança d'esses lares!

De novo passar os mares
Ah! quem déra se podesse.
Porem que difficuldades
Não taria p'ra vencer!
Não posso, não pode ser
Matar d'ellas as saudades.

Maranhão. R. A. Corrêa de Faria.

— A ESQUIVA. —

Quand le matin tu vois briller la roze,
Songe qu' au soir elle n' existe plus.

(Mme. Perrier.)

..... terás amôr?

Como a flor,

Como a flor fenece a gente.

(A. G. Dias)

Minha Analia, eu te amo, eu te adoro!
Em ti penso, em ti cuido, amor meo...
Porém tu és cruel, és ingrata,
Nem conheces que amor me venceo....

Os teus olhos, cruel, me matairão!
Tem minh'alma teu rosto encantada
Dos teus labios os meigos sorrisos
Teem-me a mente de todo a braza da.

Es *esquiva* ao amor que te voto,
Só respondes com fero desdem;
Se espéras futuras grandesas,
Naõ te illudas qu'o mundo as não tem.

E nem creias que a Deos vencedor
Se sugente ao orgulho que tens...
Vem a mim.....naõ me sejas *esquiva*;
Naõ me falles com loucos desdens!

A belleza depressa se acaba
Qual da Roza a vida se finda!
Bafejada da briza em botaõ
E' das flores a Roza a mais linda!

E a Deosa que ao orvalho se abre
E' soberba, é alegre, e vaidosa,

E das flores qu' aos prados esmaltaõ
Com desdem se sorri ufanosa.

Mas á tarde, coitada da Roza,
Vê suas folhas rojarem no chaõ
Uma a uma perderem o seu brilho
Aos golpes do rijo Aquilaõ.

E depois de já secca e mirrada,
Já sem brilho, não tem presunção....
He ludibrio dos ventos feroces
Que nas ázas as levaõ—lá vaõ....

Olha: a vida também como a Roza,
Tem belesa, soberba e vaidade;
Mas também como a Roza ésta vida,
Se de finha no avanço da idade!

Hum tezouro deponho a teus pés
Não de joias, ou d'ouro luzente;
Mas d' um peito que presa adorar-te,
Cõ esse amõr que o Poéta só sente!

Mas Analia tu foges de mim?
A meus rogos não queres ceder?
N' outros braços desejas lançar-te
A um rival teus carinhos render?...

Mas Perdõa-me Analia, eu te peço,
Tanta offensa—effeitos de amor...
Que o ciume que eu tinha no peito
Fez-me crer que só tinhas rigor.

R. Borba.

SONETO.

Com Marilia vivendo doce vida
Dura sorte não tem ou duro fado:
E' ditoso o sem ventura o desgraçado
Com Marilia vivendo em doce lida!

Marilia sê constante: mas infida
Não ulceres meu peito magoado
Por teus olhos rendido, e conquistado
Qual grinalda a teus pés já decahida!

E' tua minha vida, e minha sorte
Depende só de ti; se menos dura
Tu Marilia fores minha até a morte!

Eu deliro!.... meu Deus! tanta ventura
Não existe para quem já sente o corte
Brandido pela mão da desventura!

Mendes Cavalleiro.

A CROSTICO.

Finda roza que em botaõ,
E'ssa effigie da minha bella,
O teu porte me recorda
Como he o rosto d'ella;
Alegre cor de canela,
De mil perfeições dotada
Incantoso poder conserva
A sua alma apaixonada.

L. F. R.

ANECDOTA.

Certa dama, que já tinha avançado na carreira da vida alguns passos gigantes-cos, mas que ainda conservava os traços de ter sido muito bella, mirando-se com um presumido desdem ao seu espelho, disse a um sua filha "quanto darias tú por ter a minha bellezu?" Eu mamam, lhe respondeu a joven, que apenas contava tres lustros, aquillo que vos daries por contardes a minha idade.

A—VIOLETA—finaliza a sua
1.^a Serie com o presente numero 10:
A Violeta deixará por algum tempo a arêna periodiqueira. Reapparecerá o mais breve possivel.

EDITOR — A. DA C. MENDES.